



**O SENTIDO DA VIDA EM SUJEITOS DEPENDENTES QUÍMICOS  
EM SITUAÇÃO DE RUA**

Giuliane Carolina Bossle de Brito

Caxias do Sul, 2020.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**O SENTIDO DA VIDA EM SUJEITOS DEPENDENTES QUÍMICOS  
EM SITUAÇÃO DE RUA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Psicologia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Tânia Maria Cemin Wagner.

Giulienne Carolina Bossle de Brito

Caxias do Sul, 2020

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me proporcionar o privilégio da realização do sonho de estudar Psicologia e por ter guiado meus caminhos nesta exigente e linda trajetória, que é a graduação. À todo o corpo docente do curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul, em especial a minha orientadora do trabalho de conclusão de curso, *Tânia Maria Cemin Wagner*, que não mediu esforços para compartilhar seu conhecimento da forma mais elucidada possível. Às minhas supervisoras de estágio clínico, *Maria Elisa Fontana Carpena e Raquel Rodrigues Bierhals*, por me auxiliarem na compreensão acerca da complexidade que abarca o sujeito dependente químico.

À minha mãe, *Naira*, por ter me amado, educado e me incentivado a buscar meus sonhos independentemente das adversidades encontradas, sendo meu espelho de mulher resiliente. Aos meus avós, *Olavo e Geneci*, pelo afeto que recebi durante a vida toda, o qual me fortaleceu e me ajudou a seguir sempre em frente. Ao meu namorado, *Ricardo*, por todo o estímulo e paciência que teve comigo durante esses anos, pelas xícaras de café, que não foram poucas, enquanto eu realizava trabalhos, estudava para provas e produzia essa pesquisa. À minha tia, *Nicéia*, que nunca mediu esforços para me apoiar incondicionalmente nessa jornada. À minha irmã, *Dieine*, que como irmã mais velha sempre me motivou com sua alegria de viver e me possibilitou vivenciar o sentido de ser tia dos meus sobrinhos, *Rayssa e Riquelmy*. À toda minha família, que por meio do amor e da reciprocidade dá sentido à minha vida.

Às minhas colegas de graduação *Céres Albé, Graziela Picolli, Kátia Nostrane, Luiza Boff e Thaís Gaspari*, que contribuíram para que tudo fosse mais leve, me encorajaram, me deram suporte nos momentos difíceis e me proporcionaram boas risadas. Às pessoas que cruzaram meu caminho e contribuíram de alguma forma com o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos sujeitos dependentes químicos em situação de rua que tive a oportunidade de conhecer no estágio realizado no CAPS Reviver e que me mostraram outras perspectivas de vida e de sentido. Sou grata a todos!

*“Quando a circunstância é boa, devemos desfrutá-la; quando não é favorável devemos transformá-la e quando não pode ser transformada, devemos transformar a nós mesmos”.*

Viktor Frankl

## SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS.....	11
Objetivo geral.....	11
Objetivos específicos.....	11
REVISÃO DA LITERATURA.....	12
Logoterapia e sentido da vida.....	12
Dependência química.....	17
Aspectos fundamentais acerca de pessoas em situação de rua.....	20
MÉTODO.....	23
Delineamento.....	23
Fontes.....	23
Instrumentos.....	25
Procedimentos.....	25
Referencial de análise.....	25
RESULTADOS.....	27
DISCUSSÃO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Categorias de Análise e Recortes de Trechos do Artefato Cultural.....	27
---	----

## RESUMO

A dependência química pode ser caracterizada como a auto administração da manutenção do uso de determinada substância psicoativa, apesar de evidências indicarem prejuízos no âmbito biopsicossocial. Dentre estes danos, cita-se a deterioração social, que pode levar sujeitos a viverem em situação de rua. Sujeitos dependentes químicos em situação de rua podem experimentar invisibilidade e exclusão social, que atreladas a condições precárias de vida os deixam suscetíveis a sofrimento físico e psíquico. Para a Logoterapia, teoria fundada por Viktor Frankl, o sujeito é capaz de se adaptar e superar qualquer situação de dor, desde que haja um sentido de vida. Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar possíveis implicações de sujeitos dependentes químicos em situação de rua relacionadas ao sentido da vida. Como objetivos específicos, apresenta-se a conceituação do sentido da vida, segundo a Logoterapia; a caracterização da dependência química; e, a apresentação dos aspectos fundamentais acerca de pessoas em situação de rua. Para atingir os objetivos, a revisão de literatura foi fragmentada em três temáticas: Logoterapia e sentido da vida, Dependência química e Aspectos fundamentais acerca de pessoas em situação de rua. Este trabalho foi estruturado com base em uma pesquisa bibliográfica qualitativa de cunho exploratório e interpretativo. Como fonte, foi utilizado o livro autobiográfico *Há vida depois das marquises*, que relata o contexto vivenciado por um sujeito dependente químico em situação de rua, o que o levou a morar nas ruas do Rio de Janeiro e os sentidos encontrados para modificar sua trajetória. Como instrumento, foi utilizada uma tabela composta por recortes de trechos do livro, descritos e categorizados. Como referencial de análise, foi utilizado o referencial de análise de conteúdo proposto por Laville e Dionne, através da técnica de emparelhando, associando os recortes do artefato escolhido com o aporte teórico, e do modelo aberto, cujo as categorias não são definidas previamente, mas são moldadas *a posteriori*. Emergiram as seguintes categorias: Dependência Química, com as subcategorias Baixo Controle e Frustração Existencial; Deterioração Social; e Sentido da Vida, com as subcategorias: Valores de Vivência, Valores de Atitude e Valores de Criação. A partir disso, foi possível compreender aspectos abarcados na dependência química e na relação dessa patologia com a situação de rua, bem como, fatores que influenciam no encontro de sentido de vida, por parte desses sujeitos.

Palavras-chave: sujeitos dependentes químicos, situação de rua, sentido de vida, Logoterapia.

## INTRODUÇÃO

A motivação para realizar uma pesquisa sobre o sentido da vida de dependentes químicos em situação de rua advém do desejo de uma melhor compreensão sobre essa intersecção, somando-se a diversos estudos ao longo da graduação. A disciplina de Deontologia evidenciou a invisibilidade social que acomete pessoas em situação de rua; Psicofarmacologia, possibilitou o estudo da ação de substâncias químicas no sistema nervoso central, as bases neuroquímicas da dependência de diversas drogas de abuso e ressaltou a importância do tratamento com fármacos associados à psicoterapia; Psicologia e Psicoterapia Humanista e Existencial embasou a teoria escolhida, a Logoterapia, criada por Viktor Frankl e fundamentada no sentido da vida; Os Estágios em Clínica Ampliada I e II, realizados no CAPS Reviver (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas - Caps III AD) em Caxias do Sul, possibilitaram o contato com a realidade de pessoas que apresentam dependência ou uso prejudicial de drogas, havendo no Serviço, prevalência de usuários em situação de rua. O mesmo também proporcionou vivências no projeto Consultório de Rua, propiciando contato direto com sujeitos dependentes químicos em situação de rua e com os fenômenos que abarcam esse contexto.

Sob um rápido olhar, percebe-se na cidade e na mídia uma grande quantidade de sujeitos dependentes químicos vivendo em situação de rua. Estes podem estar desempregados, vulneráveis, sem fonte de renda para sequer alimentar-se, sem vivência com a família ou rede de apoio. Ademais, têm uma dependência na qual não há dinheiro disponível para suprir, vivenciando violências sociais e manifestações de sintomas abstinentes quando não há forma de conseguir a droga. Mas, apesar disso, algo os mantém motivados a não desistir de viver.

Sobre a relevância da presente pesquisa, o Ministério da Saúde (2014) afirma que a invisibilidade das pessoas em situação de rua é considerada um grave problema que dificulta que esses sujeitos tenham seus direitos reconhecidos. Essa invisibilidade se torna notória quando se pensa que a Política Nacional para População em Situação de Rua foi instituída em 2009, ou seja, o reconhecimento do direito legal destes cidadãos ainda é recente.

Conforme estimativa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2016 existiam cerca de 101.854 pessoas vivendo em situação de rua no Brasil (<http://www.ipea.gov.br>). Os censos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não constam dados acerca da condição situacional de moradores de rua, entretanto, a Justiça determinou que esse grupo seja incluso no censo demográfico de 2020, prevendo a contagem atual dessa população (Richter, 2019). O que enfatiza, mais uma vez,

o recente reconhecimento dessas pessoas. Em Caxias do Sul, dados divulgados pela Fundação de Assistência Social, estimam que em 2019 mais de 700 pessoas viviam em situação de rua na cidade. A faixa etária prevaiente dessa população é de 18 a 39 anos, sendo que 89,90% são homens e 10,20% mulheres (<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2020/02/mais-de-700-pessoas-vivem-em-situacao-de-rua-em-caxias-do-sul-12187510.html>).

A situação de rua é considerada uma crise mundial de direitos humanos. Ao mesmo passo que se trata de uma vivência particular de pessoas mais vulneráveis socialmente, que enfrentam falta de moradia, abandono, desespero, problemas de saúde, trata-se também, da identificação de um grupo social. Essa identidade estabelecida socialmente, atrelada a negação de direitos dessas pessoas se refletem por meio de estigmatização e exclusão social (Organização das Nações Unidas, 2016). Morar na rua é “consequência de uma reação em cadeia, relacionado com a reestruturação produtiva, globalização, altos índices de desemprego, aumento da informalidade, rebaixamento salarial, uso de drogas, violência urbana etc., revelando um quadro político, econômico e social desumano, injusto e destrutivo” (Gibbs, 2015, p.2). Assim, entende-se a situação de rua como o reflexo de uma questão social de desigualdade, produzida pelo capitalismo.

A Política Nacional para População em Situação de Rua (2009) cita que no ano de 2007 o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome realizou uma pesquisa nacional acerca da população em situação de rua e a partir disso foi possível investigar as principais motivações que levaram essas pessoas a morar na rua: problemas com alcoolismo e/ou drogas (35,5%), desemprego (29,8%), e desavenças com pai/mãe/irmãos (29,1%). Dos entrevistados, 71,3% relataram ao menos um dos três motivos citados, podendo haver correlações. Percebe-se a prevalência da drogadição como o principal motivo que leva à situação de rua. Pesquisas indicam que há uma consistente relação entre o uso de drogas e fatores sociais (Machado, Oliveira, Metz, Schwidersk & Machado, 2016).

A dependência química leva à fragilização e rompimento de vínculos familiares e sociais, influenciando também no desenvolvimento de atividades laborais. Como resultado, se tem uma população que vive em uma situação precária e recorre à rua como sendo uma exclusiva alternativa de moradia e sobrevivência (Mendes & Horr, 2014). Em algumas situações, essas pessoas têm possibilidade de acesso a albergues e casas de apoio social, no entanto, esses locais não admitem a entrada sob efeito de substâncias, o que faz com que permaneçam nas ruas.

A busca de drogas tem como objetivo principal a busca pelo prazer ou alívio de tensão e, geralmente, o uso de substâncias psicoativas por pessoas em situação de rua advém

do desejo de fuga do sofrimento vivenciado (Matos, 2018). Ademais, as pessoas em situações de rua vivenciam uma realidade árdua que causa exaustão física e psicológica, perante isso, as drogas são geralmente consumidas no intuito de fugir das adversidades corriqueiras (Matos, 2018). Para a Logoterapia, o sujeito é capaz de se adaptar e sobreviver a qualquer eventualidade da vida, desde que haja uma razão para suportar o sofrimento vivenciado, desde que haja um sentido de vida (Frankl, 1946/1989). A partir do que foi exposto, o presente estudo tem por objetivo responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais as possíveis implicações de sujeitos dependentes químicos em situação de rua, relacionadas ao sentido da vida?

## OBJETIVOS

### **Objetivo geral**

Identificar possíveis implicações do sentido da vida em sujeitos dependentes químicos em situação de rua.

### **Objetivos específicos**

Conceituar o sentido da vida, segundo a Logoterapia.

Caracterizar a dependência química.

Apresentar aspectos fundamentais acerca de pessoas em situação de rua.

## REVISÃO DA LITERATURA

### **Logoterapia e sentido da vida**

Viktor Frankl fundou a Logoterapia, também conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, após a Psicanálise de Sigmund Freud e a Psicologia Individual de Alfred Adler (Kroeff, 2014). Teorias as quais reconheceu como importante e seguiu inicialmente, mas identificou necessidade de prosseguir a caminhada. Enquanto a teoria freudiana deu enfoque à sexualidade e a vontade orientada ao prazer, Adler ressaltou que o fator que impulsiona a ação humana está no intuito de compensar desejos de inferioridade, ou seja, na vontade de poder, e Frankl acentuou o desejo de sentido como fonte de significação vital e realização (Frankl, 1946/2013; Frankl, 1969/2011; Lukas, 2005; Kroeff, 2014).

De modo algum, a Logoterapia ilegitima estudos relevantes de nomeados pioneiros como Freud, Adler, Pavlov, Watson, Skinner (Frankl, 1978/2000). É considerada um sistema aberto, uma orientação de busca, de cooperação ativa com outras teorias psicológicas e evolução interna de si mesma, ou seja, representa um diálogo com todas as escolas de psicoterapia, visando receber contribuições para o seu aperfeiçoamento (Fizzotti em Kroeff, 2014).

O termo Logoterapia se origina da palavra grega *logos*, que significa sentido. (Frankl, 1946/2013). Uma possível tradução do termo literal é “terapia através do sentido”, assim sendo, a teoria criada por Frankl pode ser considerada um (psico) terapia centrada no sentido da existência humana e na busca da pessoa por este sentido (Frankl, 1978/2000, 1946/2013; Carrara, 2016). Considera-se uma psicoterapia ancorada numa teoria psicológica da pessoa humana, autotranscendente, embasada em um conceito antropológico de pessoa que valoriza diversos aspectos humanos, tendo como principais influências as linhas da Psicologia Existencial e da Psicologia Humanista (Xausa, 1988).

Frankl elaborou o modelo ontológico humano, no qual a pessoa é compreendida como um ser tridimensional, constituído por três dimensões fundamentais que se integram, a biológica, a psicológica e a noética ou espiritual, formando uma identidade bio-psico-espiritual (Xausa, 1988; Penedo, Campos & Davico, 2018). A dimensão biológica é representada pelo somático, abrangendo os fenômenos corporais e é natural a todos os seres vivos. A dimensão psicológica representa o estado mental da pessoa e atua por meio das emoções. Tal dimensão também é compartilhada com todos os seres vivos, visto que os animais também têm emoções, mesmo que de forma instintiva e mais rudimentar. A dimensão noética é exclusiva ao ser humano e é considerada por Frankl como o órgão do

sentido (Frankl, 1946/2017; Penedo et al., 2018). Essa dimensão não se restringe a aspectos de cunho religioso, tampouco sobrenatural, e sim à totalidade do sujeito munido de senso de valor, ética, tomada de posição, liberdade, responsabilidade, criatividade, consciência, intencionalidade e preocupação com o sentido da vida (Xausa, 1988; Guedes & Gaudêncio, 2012; Santos, 2016). A consciência e a responsabilidade são dois aspectos indispensáveis à existência humana. A teoria logoterapêutica tem a concepção de ser humano consciente e responsável, mesmo diante de limitações biológicas, psicológicas, econômicas e sociais (Frankl, 1978/2005, 1946/2013).

Ademais, para a Logoterapia o conceito de pessoa é também fundamentado em três pilares: a liberdade da vontade; a vontade de sentido; e o sentido da vida (Frankl, 1969/2011; Meireles, 2018). A liberdade de vontade opõe-se ao pandeterminismo, considerando o homem livre para escolher as atitudes a tomar diante de qualquer situação lhe apresentada, por meio da dimensão noética (Frankl, 1969/2011, Kroeff, 2014). Mesmo que sua liberdade sofra limitações e condicionamentos, o ser humano é livre e, assim, consciente/responsável por suas escolhas, portanto, nesse sentido, o que ele é e o que ele será, depende apenas dele, tornando-se construtor de si mesmo e de sua existência (Frankl, 1946/2013; Kroeff, 2014).

O segundo pilar da Logoterapia, a vontade de sentido, é caracterizado como sendo a força primária, o esforço mais básico que motiva o ser humano a encontrar e realizar sentidos e propósitos para sua vida (Frankl, 1976/1991, 1978/2000; Santos, 2016). O sujeito não busca a felicidade diretamente, mas uma razão constante para ser feliz (Kroeff, 2014) e isso “o induz a envolver-se com todo o empenho em tarefas importantes, dispondo-se a sacrificar-se, se necessário, para servir as pessoas que ama, para transformar em ações seus sentimentos, para ocupar-se com áreas de seu interesse” (Lukas, 2005, p.147-148).

Para a Logoterapia, o que realmente impulsiona o ser humano não é a vontade de prazer, defendida por Freud, nem tampouco a vontade de poder, advogada por Adler, mas sim a vontade de sentido, a razão para ser feliz (Xausa, 1988; Santos, 2016). Os dois últimos princípios partem do pressuposto homeostático, ou seja, do ser humano como alguém que precisa reduzir suas tensões para manter o equilíbrio (Santos, 2016). Na teoria de Frankl, o ser humano necessita de uma tensão interna entre o que alcançou e o que deve alcançar para mover-se do *ser* ao *dever-ser* (Frankl, 1978/2000). Essa tensão, é denominada noodinâmica e trata-se da tensão de um campo polarizado com dois pólos, onde de um lado há um sentido a ser alcançado e no outro a pessoa que deve alcançá-lo (Frankl, 1946/2013). Uma quantidade moderada e não excessiva de tensão, que desafie o ser humano a mover-se na busca de um sentido é considerada pré requisito para a saúde mental (Frankl, 1978/2000; Santos, 2016).

A vontade de sentido, quando frustrada, gera, principalmente, um estado de tédio, com sensação de inutilidade e um profundo sentimento de que a vida não tem sentido, denominado como vazio existencial (Frankl, 1946/2013; Xausa, 1988). O vazio existencial acomete cada vez mais o sujeito contemporâneo, devido ao processo de evolução e à perda de tradição. Há abundância do ócio sem nada que o ser humano possa considerar como fonte de sentido neste tempo livre, visto que está sem instinto e tradição que lhe digam o que deve fazer (Frankl, 1978/2000, 1946/2013; Xausa, 1988; Ramos & Rocha, 2018). Ressalta-se que o vazio existencial não é uma doença em si, nem tem causa patológica, bem como, nem todo adoecimento neurótico é noogênico (Frankl, 1946/2013). O sujeito pode ser saudável na dimensão biopsicossocial e ser frustrado existencialmente (Santos, 2016; Frankl, 1946/2017).

Quando o sujeito dá-se conta da falta de sentido em sua vida, ao cessar de suas tarefas cotidianas, e o vazio interior se torna manifesto, surge uma espécie de depressão, conceituada na Logoterapia como neurose dominical

É o vazio espiritual que conduz à neurose dominical em permanência, e podemos encontrá-lo atrás de uma laboriosidade profissional excessiva, no refúgio de uma atividade desportiva, na fuga neurótica para o mundo dos romances ou televisão, nos fenômenos psicológicos de massa, no decaimento psicofísico dos aposentados, na necessidade de nunca se deixar descansar ou na febre de novas ações e novas experiências, especialmente na agressividade, na adição e no alcoolismo (Xausa, 1988, p. 149).

O sentimento de vazio existencial é resultante de frustrações pessoais/existenciais. O ser humano se esforça e luta intensamente por uma vontade de sentido última, mas esta vontade de sentido pode frustrar-se e esta situação chama-se frustração existencial (Frankl, 1978/2000). O sentimento de perda de sentido vem crescendo e se difundindo a ponto de ser chamado de neurose de massa, a qual é manifestada pela tríade: depressão; agressão; e dependência química (Frankl, 1978/2000; Ramos & Rocha, 2018). Diante da frustração existencial, a dependência química pode ser considerada um meio de busca de prazer através do entorpecimento da existência, refugiando-se em um mundo ilusório (Frankl, 1946/1989; Lukas, 1992). A apatia perante a vida oferta o alicerce para a instauração da dependência, o que não nega, de forma alguma, a existência de fatores intrapsíquicos como fonte dessa patologia (Carrara, 2016). Ademais, a sensação de vazio existencial costuma ser experienciada por sujeitos dependentes químicos, que expressam o sentimento por meio de frases como: “sinto-me desorientado”; “sinto vontade de fugir, mas não sei para onde”; “não

vejo sentido”; “não me reconheço”; “não sei quando me tornei isso” (Ortiz, 2009). O tratamento da dependência química, com viés logoterapêutico, visa estabelecer um projeto de vida no qual o sujeito possa buscar e encontrar sentidos de vida (Ortiz, 2009). Visto que, mesmo um suicida acredita em algum sentido, talvez não do viver, mas ao menos no sentido do morrer, da morte. Pois, ele não seria capaz de mover-se, de cometer suicídio, se não cresse em algum sentido (Frankl, 1946/1989).

O sentido da vida, terceiro pilar da Logoterapia, não é único para o sujeito, mas é exclusivo e singular de cada pessoa, mutando-se constantemente, de um dia para o outro. Esse sentido é uma necessidade específica, subjetiva e intransferível, não havendo um sentido universal, mas sentidos únicos de situações individuais (Frankl, 1978/2000, 1946/2013). Os sentidos não faltam nunca, ou seja, a vida não deixa jamais de ter sentido, mesmo nas circunstâncias mais difíceis o ser humano tem como motivação básica o alcance dos sentidos, por meio da realização de valores (Frankl, 2000; Kroeff, 2014).

Apesar de não haver um sentido definido para a vida, a Logoterapia pressupõe que o sentido não pode ser dado e sim encontrado pela própria pessoa por meio de três caminhos principais: valores de criação, valores de vivência e valores de atitude (Xausa, 1988; Kroeff, 2014). Valores de criação acontecem por meio de criações as quais são consideradas importantes para si e/ou criações que podem ser oferecidas ao mundo, seja criações intelectuais, artísticas, de trabalho, realização profissional, atos que contribuem com o universo de modo insubstituível (Xausa, 1988; Kroeff, 2014).

Os valores de vivência são compreendidos como a descoberta de que o sujeito pode também receber algo do mundo, como a bondade, a verdade, a beleza, a natureza, a cultura, o amor (Frankl, 1946/2013; Xausa, 1988; Kroeff, 2014). Os valores de atitude são constituídos pelas atitudes tomadas perante um sofrimento inevitável, que não pode ser modificado, assim, o valor de atitude é a possibilidade de o sujeito mudar de posicionamento frente a tríade trágica (Kroeff, 2014; Xausa, 1988).

A tríade trágica é composta por três elementos: sofrimento, culpa e morte. É a partir da atitude adotada frente ao sofrimento que o sujeito pode transformar uma tragédia pessoal em um triunfo (Frankl, 1946/2013; Pereira & Pinheiro, 2018). Ressalta-se que o sofrimento não é, de modo algum, necessário para encontrar sentido (Kroeff, 2014), mas Frankl acreditava que se o sofrimento é inevitável à vida, que é significativa, deve então haver significado também no sofrimento, na atitude tomada perante o sofrimento o sujeito encontrará um sentido (Xausa, 1988). Assim, o sofrimento pode oportunizar o desenvolvimento de uma maturidade plena e a obtenção de uma maior consciência de sua dignidade (Frankl em Kroeff, 2014).

A culpa é caracterizada como um tipo de sofrimento, visto que o sujeito se julga responsável por infringir seus valores. O ser humano conscientiza-se que fez algo inadequado e culpa-se por isso (Kroeff, 2014). “É prerrogativa do homem tornar-se culpado e responsabilidade superar a culpa” (Frankl em Kroeff, 2014, p.64). Assim, na medida em que a pessoa avalia-se como culpada, deve tentar reparar as falhas e transformá-las em mudanças, alterando suas atitudes futuras e visando um novo sentido para sua vida (Kroeff, 2014).

No que tange à morte, é considerada como sendo o limite para a possibilidade de realizar sentidos, o término de um processo evolutivo que inicia no nascimento. A consciência de finitude o leva a aproveitar o tempo de vida limitado que dispõe, evitando desperdiçar ocasiões únicas e sendo impulsionado para um fazer responsável em sua existência finita (Frankl, 1946/1989; Kroeff, 2014). No entanto, a morte somente tem sentido de ser pensada em relação com o significado que tenha para a vida, permitindo a reflexão sobre o que esse fenômeno vai interromper caso a vida não tenha continuidade (Kroeff, 2014).

Ademais, para a Logoterapia, o ser humano apresenta duas características essenciais: o autodistanciamento e a autotranscendência. A primeira, o autodistanciamento, é compreendido como a capacidade humana de distanciar-se de si próprio, proporcionando uma melhor percepção das circunstâncias entrelaçadas em sua existência, permitindo uma tomada de posição (Frankl, 1946/2013; Kroeff, 2014). Distanciar-se da situação, principalmente se esta é fonte de sofrimento, permite uma compreensão de que o sujeito não é a aquela situação, não é sua limitação. O autodistanciamento também relaciona-se com a autocompreensão, visto que quanto mais a pessoa compreende a si própria, mais será capaz de se distanciar dela mesma (Santos, 2016).

A segunda característica, a autotranscendência, se refere ao fato de o ser humano transcender, ou seja, sua essência de existência não está em si próprio, mas sim, na relação com alguma causa ou alguém que ama, no mundo (Frankl, 1946/2013; Santos, 2016). Significa que o ser humano está direcionado para o mundo, por meio do qual busca um sentido e quanto mais a pessoa esquece de si mesma em prol a uma causa ou a alguém, mais humana se torna (Frankl, 1978/2000, 1946/2017; Santos, 2016). “É como o olho que, para cumprir a sua função de ver o mundo, não pode ver a si mesmo” (Frankl, 1976/1991, p.123).

Para a Logoterapia, "o homem não é apenas um ser que reage e ab-reage, mas também que se auto-transcende" (Frankl, 1990, p. 29). A relação transcendental pode se dar por meio da vivência do diálogo, no qual o transcendente é caracterizado como um “Tu”. E, o sujeito que passa por tal vivência é denominado como *homo religiosus* (Frankl, 1990; Moreira &

Holanda, 2010). Para a Logoterapia, a religião pode ser compreendida como um objeto (não uma posição) de trabalho, no qual tanto a religião como a irreligião são percebidas diante de um posicionamento neutro (Frankl, 1943/2017). O objetivo do tratamento psicoterapêutico é a cura psíquica, enquanto da religião é a salvação da alma. A segunda é uma dimensão mais elevada que a primeira e o acesso a ela não se dá pelo conhecimento, mas pela fé (Frankl, 1943/2017).

O fenômeno da fé é concebido como uma crença ampliada no sentido, não se ocupando apenas da vontade de sentido, mas também com a vontade de um sentido último, chamado supersentido. Ademais, "crer em Deus significa ver que a vida tem um sentido" (Frankl, 1990, p. 58). Frankl (1943/2017) define Deus como sendo o companheiro do homem em seus monólogos mais íntimos, ou seja, sempre que estiver dialogando consigo mesmo, amparado por solido e honestidade, o parceiro deste solilóquio pode ser nomeado de Deus, independente se o sujeito é crente em Deus ou ateu. Essa diferenciação torna-se irrelevante, visto que para alguns será compreendido como um simples monólogo, enquanto para outros, consciente ou inconscientemente, como um diálogo com alguém dessemelhante a si e essa relação pode influenciar no processo de transcendência humana (Frankl, 1943/2017).

Em suma, os valores de criação, valores de vivência, valores de atitude, o sofrimento, a culpa, a morte, a capacidade de autotranscender-se e de autodistanciar-se podem contribuir para que o ser humano alcance um real e subjetivo sentido para sua vida (Kroeff, 2014).

### **Dependência química**

Droga pode ser caracterizada como qualquer substância não fabricada pelo organismo humano e que atua sobre um ou mais sistemas do corpo, sendo capaz de produzir alterações em suas funções, sentidos, pensamentos e comportamentos (Silva, Moll & Ventura, 2018; Targino & Hayasida, 2018). Na contemporaneidade, usa-se o termo substância psicoativa para descrever "droga" (Silva et al., 2018). Desde os primórdios da humanidade, as substâncias psicoativas têm sido utilizadas para diversas finalidades, como o uso medicinal, religioso, recreativo, para promover alterações de realidade ou sensação de prazer (Targino & Hayasida, 2018). Inúmeras drogas existem no mundo, muitas têm efeitos benéficos para a saúde e são utilizadas sob prescrição médica. Mas quando se institui um abuso, causam alterações no Sistema Nervoso Central (SNC) e podem causar dependência, o que torna-se agregado a uma problemática de saúde pública (Zeferino et al., 2015; Silva et al., 2018). É, particularmente, esse tipo de substância a que se refere este trabalho ao utilizar o termo droga.

Para uma melhor compreensão dos fenômenos, é necessário distinguir os conceitos envolvidos na drogadição. O uso é caracterizado como o ato de experimentar ou consumir eventualmente, não causando prejuízos devido a isso, e o abuso, refere-se ao uso no qual existem consequências prejudiciais, sejam de nível biológico, psicológico ou social. Na dependência, os prejuízos tornam-se mais evidentes e não há controle no consumo (Cordeiro, 2013).

A dependência de substâncias psicoativas está ligada à auto administração da manutenção do consumo de determinada droga, apesar da evidência de problemas relacionados ao uso em aspectos pessoais, sociais e de saúde, geralmente, resultando em tolerância, abstinência e comportamento compulsivo de busca pela droga (Schlindwein-Zanini, Almeida, Helegda & Fernandes, 2014). Pode ser compreendida como uma patologia mental e comportamental incluída no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o qual traz que todas as substâncias psicoativas que são utilizadas excessivamente ativam o sistema de recompensa do cérebro e essa ativação é tão acentuada que o sujeito pode passar a negligenciar atividades cotidianas (DSM-V, 2014).

Dentre os critérios que caracterizam o diagnóstico de um transtorno por uso de substâncias, o DSM-V (2014) indica: baixo controle, deterioração social, uso arriscado e critérios farmacológicos. O baixo controle implica no consumo em quantidade ou período maior que o pretendido e apesar do desejo de reduzir o uso, relata esforços fracassados. Há manifestação de fissura, na qual há um desejo intenso de consumir a droga (DSM-V, 2014).

A deterioração social caracteriza-se como o fracasso em realizar as funções no trabalho, escola ou lar. O sujeito permanece no uso da droga, apesar dos evidentes problemas sociais ou interpessoais aumentados devido aos efeitos da substância. Ademais, pode haver o abandono ou redução de atividades de natureza social, profissional ou recreativa. O uso arriscado da substância é considerado quando o indivíduo consome a droga de forma recorrente, a ponto de colocar em risco sua integridade física e continuar o uso, mesmo estando a par da apresentação de um problema físico ou psicológico que foi originado ou exacerbado pela substância (DSM-V, 2014).

Os critérios farmacológicos são compreendidos como o desenvolvimento de tolerância e a síndrome de abstinência (DSM-V, 2014). Quando uma droga é consumida repetidamente, há a perda ou redução da sensibilidade aos efeitos iniciais, diz-se que o sujeito está tolerante. A tolerância faz com que seja necessário doses cada vez maiores para obter o prazer proporcionado pela substância (Ministério da Justiça e Cidadania, 2017). A síndrome de abstinência ocorre quando a interrupção ou diminuição do consumo da droga desencadeia sintomas físicos e psíquicos desagradáveis. Quanto maior for o nível de

dependência, mais exacerbado serão os efeitos sintomáticos da ausência da droga no organismo, sendo que cada tipo de substância acarreta em diferentes sintomas, entre eles: tremores, náuseas, vômito, ansiedade, irritabilidade, alucinações, paranóia, insônia, raiva, ansiedade, sudorese (Cordeiro, 2013; Duailibi, 2013; Ministério da Justiça e Cidadania, 2017). A tolerância instiga o indivíduo a consumir doses cada vez maiores e a síndrome de abstinência dificulta o cessamento do consumo da droga, assim ambas contribuem para o desenvolvimento da dependência química.

Durante o período de abstinência é comum que haja a manifestação de fissura pela droga ou *craving*, um dos fatores que mais contribuem na recaída, a qual é “desencadeada pelo estresse, pelo ambiente e possivelmente por ansiedade e sentimentos disfóricos, ou seja, pelo ambiente interno” (Fonseca & Lemos, 2011, p. 31). Outro aspecto que influencia na retomada do uso, é a tendência de sujeitos dependentes químicos em buscar manter um consumo mais leve, se comparado ao habitual (Ferreira & Bortolon, 2016). Entretanto, por se tratar da dependência química, uma condição biopsicosociocultural, as motivações que instigam o sujeito a buscar novamente a droga relacionam-se com a subjetividade de cada pessoa (Santos, Rocha & Araújo, 2014).

No Brasil, o consumo de substâncias psicoativas é considerado uma questão de saúde e segurança pública que se atenua com o passar do tempo (Schimith, Murta & Queiroz, 2019). No país, há relação entre o consumo de drogas com o encadeamento de diversos problemas de saúde, como acidentes de trânsito, comportamentos hostis, transmissão de doenças sexuais, distúrbios de conduta, entre outros (Zeferino et al., 2015).

Sujeitos dependentes químicos são percebidos como pessoas que burlam o controle das leis legais, morais e sociais. Os usuários de substâncias ilícitas, principalmente, escapam do comércio autorizado e tributado, inserindo-se em um contexto clandestino e transformando-se em uma ameaça para o sistema (Melo & Maciel, 2016). Usuários de drogas são percebidos, por meio de um imaginário social, como indivíduos que agem pelo gozo, afrontam os costumes sociais, são irresponsáveis, marginais e delinquentes (Scislesk & Galeano, 2018). Em razão disso, a sociedade em geral não acolhe as vivências dessas pessoas de modo empático, fazendo com que suas demandas e sofrimentos tornem-se invisíveis (Nunes, Santos, Fischer & Güntzel, 2010).

O status de ilegalidade da substância é projetado na personalidade do usuário. Essa representação traz uma série de implicações que solidificam a exclusão social do usuário. Ela estimula o seu isolamento social, aumentando a dificuldade de conseguir tratamento médico para

deixar a dependência da droga ou para tratar os efeitos do seu uso abusivo (Melo & Maciel, 2016).

Portanto, torna-se necessário refletir acerca dos fatores protetivos, que podem diminuir a probabilidade de uma pessoa usar drogas, e fatores de risco, que em contrapartida aumentam as possibilidades de consumir drogas (Ferro & Meneses-Gaya, 2015). Os fatores de risco relacionados ao consumo de substâncias psicoativas podem ser individuais: insegurança, insatisfação, sintomas depressivos, ansiedade; familiares: pais que usam drogas, apresentam transtornos mentais, são autoritários, violência intrafamiliar; escolares: baixo rendimento acadêmico, exclusão, ausência de vínculos; sociais: ambiente hostil, falta de oportunidade de trabalho, falta de recursos preventivos; e relacionados à droga: disponibilidade para compra, mídia demonstrando unicamente o prazer (Macedo, Aygnes, Barbosa & Luis, 2014). Os fatores protetivos englobam os mesmos aspectos em contrapontos diferentes sendo individuais: boa autoestima, relacionamentos saudáveis; familiares: envolvimento afetivo entre os membros, ações e normas claras; escolares: bom desempenho acadêmico, prazer em estudar; sociais: lazer, boa relação com a comunidade; e relacionados a drogas: vivência com as consequências negativas do consumo de drogas e informações preventivas quanto ao uso (Macedo et al., 2014).

Fatores protetivos e de risco variam de acordo com aspectos culturais, sociais e econômicos. O consumo de droga pode ter influências advindas da família, religião, entretenimento e grupos sociais, porque esses ambientes podem proteger o sujeito, bem como o compelir a responder pressões sociais e/ou a receber reconhecimentos sociais (Zeferino et al., 2015). Torna-se importante ressaltar que o uso abusivo de drogas é um dos principais fatores que levam os sujeitos a viver em situação de rua (Ministério do Desenvolvimento Social, 2009), o que pode potencializar a presença de fatores de risco e, conseqüentemente, reduzir aspectos de cunho protetor (Zeferino et al., 2015).

### **Aspectos fundamentais acerca de pessoas em situação de rua**

A existência de pessoas em situação de rua não é considerada um fenômeno novo, visto que a sociedade pré-industrial era constituída pela onipresença de pessoas em situação de rua. Para sobreviver, essas pessoas mendigavam, cometiam pequenos furtos e prostituíam-se (Snow & Anderson, 1998). A constituição desse fenômeno social é o resultado de múltiplos fatores, cujas características, os tornam de suma importância na composição da pobreza nas sociedades atuais.

No Brasil, não há documentação que explicita fatos ou dados relevantes acerca da história dos moradores de rua no país. Mas, pode-se apontar dados mundiais que foram

marcantes para o surgimento da população em situação de rua em meio à sociedade brasileira. Dentre estes, a industrialização e o cercamento das terras comunais influenciaram diretamente no crescimento da população de rua e o capitalismo faz com que esse progresso seja contínuo (Tiengo, 2018). No período feudal, as áreas usadas como meio de subsistência dos servos foram cercadas para criação de carneiros, com o objetivo de obter um grande retorno financeiro com a lã e, então, as pessoas que moravam nessas terras passaram a viver nas ruas (Tiengo, 2018).

Sem moradia e trabalho, obrigaram-se a trocar sua força de trabalho nas indústrias nascentes. Os que não conseguiam inserção nas fábricas ou não se adaptavam às patológicas condições de trabalho iam para as ruas. Neste período houve uma classificação dessas pessoas, em aptos e inaptos para o trabalho. Os considerados inaptos recebiam caridades e os aptos que andarilhavam mendigando pelas ruas eram percebidos como vagabundos e mereciam punição. Era uma forma de forçar os trabalhadores a se sujeitarem às condições vulneráveis oferecidas nas fábricas (Tiengo, 2018).

A pobreza tem relação direta com o status dessas pessoas, visto que, o número de pessoas excede a capacidade de absorção pelo capitalismo (Silva, 2009). Assim, “o modo de produção capitalista produz, desde seu surgimento, miséria proporcional ao crescimento da riqueza; quanto mais se desenvolve, maior é a produção de riqueza e a produção da miséria” (Tiengo, 2018, p. 139).

No Brasil, bem como em diversos países no mundo, é possível perceber um vasto número de pessoas vivendo em situação de rua, excluídos da sociedade e batalhando diariamente para sobreviver (Sicari & Zanella, 2018). Uma quantidade tão vasta de pessoas vivendo em situação de rua no país é resultante de questões sociais agravadas. Inúmeros aspectos contribuem para o aumento de pessoas nessa situação, como a urbanização acontecida no século XX, a desigualdade social, a pobreza, o desemprego, o preconceito social, a falta de políticas públicas, entre outros (Ministério da Saúde, 2014).

Essa parte da população brasileira é acometida por invisibilidade e exclusão social, fazendo com que os direitos desses sujeitos não sejam reconhecidos como deveriam (Ministérios da Saúde, 2014; Abreu & Salvadori, 2015). A exclusão social é caracterizada como um processo que abarca caminhos de vulnerabilidade, fragilidade, precariedade e cessação de vínculos em, principalmente, cinco dimensões sociais: trabalhista; sociofamiliar; cidadania e política; representações e relacionamentos; vida humana (Escorel, em Leal, 2011). Na dimensão trabalhista, a fragilização dos laços sociais causa o desemprego ou a inserção em empregos precários e isso fortalece o pensamento de que esses sujeitos não são necessários economicamente. Na dimensão sociofamiliar, as relações básicas são

fragilizadas e o sujeito é acometido por isolamento e solidão. Na dimensão da cidadania e da política, é retirado do indivíduo o poder de ação e representação, privando-o deste direito. Nas representações e relacionamentos com o outro, a exclusão é concretizada por meio de preconceitos, estigmas, discriminações que podem negar a humanidade do outro. Na esfera da vida humana, esses sujeitos restringem-se a buscar meios de sobrevivência e são excluídos da categorização dentro da humanidade (Leal, 2011).

A Política Nacional para a População em Situação de Rua (2009) define os sujeitos que vivem nessa condição como

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009, p.8)

São muitos os fatores que levam o sujeito a viver em situação de rua, dentre elas: desemprego, conflitos familiares e problemas com alcoolismo e/ou drogas (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009). A situação de rua tem predominante relação com o uso de drogas e a dependência química, condição que se atrela a fatores como inexistência de regras sociais, núcleo familiar disfuncional, baixa renda e falta de emprego. Ademais, os efeitos causados por substâncias psicoativas podem minimizar o sofrimento advindo desse contexto, sendo consolo em momentos difíceis (Sicari & Zanella, 2018).

## MÉTODO

### **Delineamento**

O delineamento é compreendido como a dimensão mais ampla do planejamento de uma pesquisa, englobando estratégias, planos e operações a serem adotados para buscar o contraste entre teoria e fatos (Gil, 2008). O presente estudo possui como delineamento uma pesquisa bibliográfica qualitativa de cunho exploratório e interpretativo.

A pesquisa qualitativa mensura dados reais e perceptíveis à sociedade humana e, que devido à complexidade que abarcam, não podem ser medidos com exatidão por meio de outros métodos, como por exemplo, aspectos psicológicos, ideias, princípios, crenças, sentimentos (Walliman, 2015). Ademais, utiliza-se a pesquisa qualitativa “visando compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para os indivíduos, em situações particulares” (Silva, Gobbi & Simão, 2005, p. 71).

Neste trabalho, apresenta-se uma pesquisa que, além de qualitativa, é também de caráter exploratório, uma vez que esta tem como objetivo principal o desenvolvimento, o esclarecimento e a modificação de ideias existentes, visando formular problemas de maneiras mais precisa ou hipóteses que possam ser utilizáveis em estudos futuros (Gil, 2008). Visa novas descobertas, apresenta um planejamento com menor rigidez e maior flexibilidade em relação a outros tipos de pesquisa, investigando de modo amplo e proporcionando uma visão geral do fato estudado e dos fenômenos envolvidos (Dalfovo, Lana & Silveira, 2008; Gil, 2008).

Quanto à pesquisa de caráter interpretativo, é caracterizada pela ligação entre os significados e as interpretações efetuadas pelo pesquisador, ou seja, a relação dos dados coletados com os conhecimentos obtidos por meio de estudos empíricos (Gil, 2008). A discussão deste trabalho tem como foco a relação entre os trechos do artefato escolhido e o aporte teórico construído, a partir da interpretação do pesquisador acerca dos dados.

### **Fontes**

Como fonte de pesquisa para o presente trabalho, utilizou-se um artefato cultural considerado possível de ilustrar algumas implicações de sujeitos dependentes químicos em situação de rua, relacionadas ao sentido da vida, bem como os aspectos fundamentais acerca dessas pessoas. Visando isso, será usado o livro autobiográfico *Há vida depois das marquises* escrito por Leo Motta.

O livro foi publicado em dezembro do ano de 2018 e relata a história de vida de Leo Motta. Natural do Rio de Janeiro, o autor foi fruto do relacionamento de um jovem casal que

não planejou ter o filho. Foi criado pelos avós e por uma das tias, com muito carinho e “*com tudo que uma criança pobre poderia ter de melhor*” (p.7). Aos 14 anos, teve seu primeiro contato com álcool e cigarro. Com 15 anos começou a namorar Evelin e com 16 teve a notícia que seria pai pela primeira vez, de um menino chamado Yan. Então, o casal foi morar junto à mãe de Leo e nessa mesma época ele iniciou o uso de maconha. Aos 17 anos, saiu do trabalho e inseriu-se na vida do crime, traficando e fazendo vigia para traficantes maiores. Pouco tempo depois, o relacionamento com Evelin teve fim e em uma noite de vigia ele usou cocaína pela primeira vez, prosseguindo com o consumo.

Aos 21 anos conheceu Denise, mulher com quem teve seu segundo filho, Jonathan. Devido ao intenso uso de cocaína, a relação do casal foi distanciando-se até se separarem quando a criança tinha quatro meses. Um mês depois, Denise assassinou o filho do casal e isso foi avassalador para Leo, que se afundou cada vez mais no consumo de álcool e cocaína. A entrada e saída do crime ocorriam constantemente.

Com 23 anos de idade conheceu Priscila, com quem teve mais dois filhos: Poliana e Ariel. O relacionamento foi marcado por idas e voltas do casal e infidelidades por parte do marido. O consumo de drogas de Leo o fez perder diversas oportunidades de emprego e por mais que tentasse mudar de bairro e cidade, para fugir do vício, o prazo máximo em que se manteve abstinente foi de cinco anos. Quando recaiu, intensificou o uso e divorciou-se de Priscila.

Depois de doze anos separado de Evelin, mãe do primeiro filho e mulher da sua vida, Leo reatou a união com a companheira. Mas, devido ao intenso uso de drogas o relacionamento não durou muito. Na busca de diminuir seu sofrimento teve seu primeiro contato com o crack. Apesar da percepção acerca dos danos causados pelo consumo de drogas, ele não conseguia controlar o uso. Entregando-se a dependência química e a frustração de viver nessa situação, ele tentou suicídio, mas não obteve sucesso pois dois homens lhe salvaram.

Aos 35 anos e dependente químico, perdeu a última oportunidade de ter um teto, que havia lhe sido concedido pelo irmão com a condição de que ele “tomasse jeito”, o que não conseguiu fazer. Então, decidiu que preferia sofrer só ao invés de ver a mãe sofrer e foi viver nas ruas do Rio de Janeiro. O uso de drogas, a fome, a invisibilidade, a humilhação e o sofrimento de viver nessa situação, tornaram-se aspectos corriqueiros na vida dele. Até que em uma segunda tentativa de tratamento à dependência, após sete meses em situação de rua, ele captou o sentido para mudar sua vida e recomeçar sua história.

## **Instrumentos**

Utilizou-se, neste trabalho, uma tabela como meio de organizar os recortes de trechos do artefato cultural, com o intuito de possibilitar uma melhor visualização dos fenômenos analisados. Esse modo de organização mostra-se como uma ferramenta essencial, única em seu sentido, que exige cautela em sua elaboração e deve ser completo em si mesmo, integrando e explicitando os aspectos relacionados com o texto (Laville & Dionne, 1999).

## **Procedimentos**

Para a realização desta pesquisa, primeiramente, realizou-se uma busca pelo material bibliográfico passível de sustentar os objetivos propostos e responder ao problema apresentado. Para isso, foram utilizados livros de autores clássicos que contemplam estudos da Logoterapia e artigos científicos contemporâneos.

Posteriormente, buscou-se um artefato cultural capaz de ilustrar uma relação com os dados obtidos a partir do material bibliográfico. Foi escolhido o livro autobiográfico *Há vida depois das marquises*, lançado no ano de 2018 e escrito por Leo Motta, ex morador de rua e dependente químico em reabilitação. O livro foi lido diversas vezes no intuito de realizar uma análise minuciosa e detalhada dos fenômenos relacionados ao tema da pesquisa. Em seguida, os trechos que mais respondem ao problema de pesquisa foram selecionados, recortados e transcritos em uma tabela, com o objetivo de apresentar as ideias de forma coerente e objetiva. Na sequência, os recortes foram analisados, agrupados e categorizados de acordo com sua relevância e, posteriormente, discutidos embasando-se no referencial de análise de Laville e Dionne (1999).

## **Referencial de análise**

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, optou-se como referencial de análise, a análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999). De acordo com os autores, a análise de conteúdo não é um método rígido e consiste em um conjunto de vias possíveis para revelar o sentido de um conteúdo. Aborda uma grande variedade de objetos de investigação, assim, pode ser aplicada a uma grande diversidade de materiais (Laville & Dionne, 1999). Foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo, no qual o pesquisador ressaltou às nuances de sentidos existentes entre as unidades.

Laville e Dionne (1999) caracterizam três estratégias de análise e de interpretação qualitativa: análise histórica, construção iterativa de uma explicação e emparelhamento. O último, o emparelhamento, estratégia escolhida para a realização desta pesquisa, consiste em emparelhar dados, ou seja, fazer associações entre os elementos selecionados para o estudo

com o aporte teórico, visando compará-los e responder o problema apresentado no presente estudo.

Os autores ainda apresentam três modelos para definição das categorias analíticas: modelo aberto, no qual as categorias não são definidas no início, mas tomam forma no decorrer da análise; modelo fechado, no qual, contrariamente, as categorias são definidas *a priori*; e modelo misto, no qual, as categorias são selecionadas no início, mas o pesquisador pode modificá-las de acordo com o que a análise aporta. Neste trabalho, foi utilizado o modelo aberto, cujo as categorias não são definidas previamente, mas são moldadas *a posteriori*, no curso da análise (Laville & Dionne, 1999).

## RESULTADOS

A tabela abaixo apresenta as categorias e subcategorias com seus respectivos trechos recortados do livro autobiográfico de Leo Motta, *Há vida depois das marquises*, que é fonte de análise deste estudo. A escolha da obra se deu pela possibilidade de contemplar os objetivos deste trabalho a partir de uma história real, ocorrida no Brasil, que abarca o contexto vivenciado por um sujeito dependente químico, o que o levou a viver nas ruas e os sentidos de vida encontrados para mudar sua trajetória. Na primeira categoria nomeada como Dependência Química, tem-se como subcategorias: Baixo Controle e Frustração Existencial; a segunda categoria foi conceituada como Deterioração Social; e na terceira categoria que aborda o Sentido da Vida, tem-se como subcategorias: Valores de Vivência, Valores de Atitude e Valores de Criação.

**Tabela 1.** Categorias de Análise e Recortes de Trechos do Artefato Cultural

Categorias de análise	Descrição de trechos recortados do livro
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dependência Química</li> </ul> <p><b>A. Baixo Controle</b></p>	<p><b>1. Aos 21 anos, já não conseguia conciliar o consumo da droga com o dinheiro que recebia por seu trabalho</b></p> <p>“E na sexta-feira, dia de pagamento, lá fui eu guiado pelas mesmas pessoas que conheci durante a semana, estava eu com tudo que havia ganhado ao encontro do que mais me fascinava, tinha até feito planos de sair com a mulher que comigo passou a noite de minha chegada. Mas, o meu desejo pela cocaína falou mais alto e não tive chance de dizer não. Adentrei aquela favela desconhecida para mim e ali naquela fila deixei tudo que havia ganhado (p.48).”</p> <p><b>2. Falta de controle acerca do consumo</b></p> <p>“Chegado o fim de semana, mais um fim de semana que eu tinha prometido a mim mesmo e a Flávia, com quem mais eu era próximo, que seria diferente. Mais uma vez não me contive e fui</p>

em busca da minha droga do prazer, mais uma vez me encontrava com um sacolé de pó na mão (p.49).”

### **3. Necessidade de consumir mais e mais drogas, chegando a ser alertado pelo filho**

“[...] Com um bom dinheiro em mãos, abasteci meu uso cada vez mais e mais drogas. Ia eu perdendo o controle, meu filho Yan no momento com 16 anos vinha me alertando: ‘Pai, você está bebendo todos os dias e usando muita droga, cuidado’” (p.123).

### **4. Mesmo após ter tido uma overdose e ter o entendimento negativo da droga em sua vida, Leo não conseguia frear o uso**

“Depois de alguns dias me pôs de pé e fui novamente ao trabalho. Lembro que eu fiquei alguns dias sem drogas, mas também lembro que a vontade de usar era mais forte do que eu. Cheguei na boca de fumo e comprei, meio que com medo sentei na escada e ali mais uma vez usei, aquilo estava me matando e roubando meus sonhos e minhas esperanças de novamente ter uma família” (p.134).

### **5. O desejo pela cocaína era mais forte que ele**

“As pessoas não me entendiam, eu usava cocaína porque não conseguia eu ficar sem, era um desejo maior que eu” (p.150).

### **6. Pôs em risco sua integridade física para tentar consumir drogas**

“Em meio a outros usuários, de tanto eu pedir drogas, partimos para brigar. Não sei se foi pelo acaso ou por providência de Deus, um dos meus irmãos passava em um ônibus, ia ele para o trabalho, desceu imediatamente e veio a meu socorro, naquele dia eu iria perder a vida [...]” (p.151).

## **B. Frustração Existencial**

### **7. Droga como forma de tentar fugir do sofrimento de saber que sua ex companheira assassinou o filho do casal de 5 meses**

“E assim eu fiz, peguei o ônibus em companhia de minha mãe Cristina e meu irmão, nessa época com 15 anos. Além deles estava eu acompanhado de uma imensa dor. Cheguei na comunidade

Santos Rodrigues e caminhei até o ponto de venda com os olhos inchados de tanto chorar, e ali, a meus antigos companheiros de crime eu falava o que havia acontecido e logo me deram uma grande porção de cocaína e me ofereceram uma arma, caso eu quisesse fazer justiça. No momento não aceitei a arma, mas aceitei as drogas, era uma maneira de aliviar minha dor. [...]” (p.64).

#### **8. Após o falecimento do filho, associado a sua situação, Leo passou a desacreditar da vida**

“Os dias se passando e eu a cada dia sem esperança e vontade de viver. Junto comigo meu vício a cada dia mais destruidor, sem dinheiro, desempregado e desacreditado na vida, eu passava os dias e noites na porta de um bar” (p.70).

#### **9. Com pouco dinheiro e sem se importar com a vida, Leo retornou a vida do crime**

“[...] Estava bem diferente da outra vez, pois naquele momento, sem ninguém ao meu lado no uso intenso de drogas e alguns meses passados com um filho sepultado, não me importava eu com a vida. E assim eu vivia a noite em um ponto da comunidade e durante o dia em outro ponto para ganhar mais dinheiro para bancar o meu nariz. Logo a vida do crime a mim novamente iria se apresentar e começaram os confrontos. Só que desta vez mais intensos e eu diferente. Sem medo da morte, ia sempre à frente e disposto a confrontar a polícia e sem se importar com a vida. [...]” (p.73).

#### **10. A tentativa de suicídio**

“Com o passar dos dias eu estava realmente frustrado de tudo que havia acontecido em minha vida, perdia eu mais um emprego. Aí realmente passei a me entregar. Em uma das noites de drogas e bebidas, seguia eu com o desejo de morte, atirei algumas peças de roupa em uma avenida muito movimentada e me lancei entre os carros, queria eu um suicídio. Por um milagre, ou coincidência, passou um homem que correu até a mim e me segurou com toda sua força enquanto um outro homem parava o trânsito” (p.129).

**11. Apesar do uso intenso de cocaína, sua droga de prazer, não conseguiu o efeito desejado e precisou de algo mais forte para tentar sanar seu sofrimento, o que mostra sua tolerância aumentada em relação à cocaína.**

“Fui para casa, antes de entrar, fui até a boca de fumo e comprei mais cocaína. Ainda sem acreditar, chorei, era muita dor em meu peito, cheguei no quarto nem roupa dela havia mais. Já movido pelo desespero e vendo a minha derrota e meu sonho de amor indo embora, peguei no restaurante o que ainda tinha no bolso e fui em busca de algo mais forte para anestésiar meu fracasso. Cheguei na boca de fumo, logo a mim já vieram com algumas cápsulas de cocaína. Eu neguei, pois queria algo mais forte, então em minha mão peguei algumas pedras que para mim, com a mente adoecida e em total fracasso, pensei ser a saída. Foi neste dia que conheci o crack” (p.126).

• **Deterioração  
Social**

**12. Em um passeio com os filhos Leo perdeu o controle e consome muita droga, mesmo estando com as crianças**

“Neste dia eu cheirei e bebi tanto que no final do dia choveu, meu filho chorava pedindo para ir embora e eu sem dinheiro para pagar a conta, nossa, como saí dali. Liguei para minha mãe Cristina, ela me ordenou imediatamente a pegar um táxi com as crianças e se dispôs a pagar. Era para ser um dia de alegria para um pai normal ao lado dos filhos, mas realmente eu não era normal, estava sem controle, minha vida estava sendo movida por um pó dentro de uma cápsula ou de um saquinho” (p.132).

**13. O irmão de Leo havia lhe dado uma última oportunidade e permitiu que ele morasse em uma casa sua que estava em obra, desde que “tomasse jeito”. Certo dia o irmão estava indo trabalhar de ônibus e avistou Léo brigando com outros usuários de droga, então o levou para a casa de sua mãe. Ele**

**estava fedendo, sujo e havia feito necessidades fisiológicas na roupa**

“Minha mãe ao me ver se desesperou e se pôs a chorar: ‘Meu filho, que ponto você chegou’, meu irmão que havia me cedido o espaço de imediato falou: ‘Como te avisei, você não tomou jeito, então lá você não pode mais ficar’. O que fazer? Já tinha feito todos sofrerem à minha volta, na casa da minha mãe não podia ficar, pois a todo momento ela se desesperava, já tinha até pensado em me acorrentar junto a parede em um dos quartos onde eu já tinha sido feliz na minha vida. Então me decidi, já que é pra sofrer, eu soffro só, me levantei e lá fui. Por muito tempo já sendo chamado de vergonha e derrotado. Pelas ruas do Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, mais um cidadão brasileiro, pai de três filhos, 35 anos e agora morador de rua” (p. 152).

**14. O primeiro dia na rua**

“E as horas iam se passando e a fome só aumentava e o meu desespero também, tinha eu que pela primeira vez esmolar. Tentei em alguns pontos de ônibus e nada aparecia, eu não era visto nem ouvido por ninguém. Avistei uma loja e nem me importava como eu estava descalço, magro, abatido e não cheirava bem” (p.154).

**15. Perda de identidade**

“Em uma ocasião me surgiu uma enorme vontade de ir ao banheiro, olhei para um lado ao outro e como ir? Fui eu em meio ao trânsito atrás de uma árvore, me abaixei e nem papel tinha. Era visto por pessoas, a cada dia estava perdendo minha identidade e minha ligação com a sociedade” (p.162).

**16. Uso da droga como forma de aliviar a dor de morar na rua**

“Comecei a caminhar pela areia da praia e ali pedir dinheiro, as pessoas fingiam não me ouvir, outras até algumas moedas me davam, foi uma longa caminhada de um lado a outro da praia, por um instante me sentei na areia de frente ao mar e falei com Deus. Molhei as mãos, passei no rosto e ali olhei aos céus e falei: ‘Por

que ainda não tirou minha vida?’ Estava meio que revoltado com Deus, continuei a pedir até que juntei um pouco de dinheiro, mas que já seria suficiente para subir a comunidade e comprar mais uma vez minha droga que por algum momento aliviava minha dor” (p.158).

**17. Conseguiu trabalho morando na rua, mas a dependência era mais forte que seus objetivos**

“Até consegui trabalhar três dias e quando recebi um bom dinheiro não aguentei, entrei em uma favela e ali fiquei dois dias me drogando e, claro, perdia mais uma oportunidade. Tinha desejo de comprar algumas mercadorias e trabalhar como camelô, mas não tinha forças, a única força que eu tinha era de caminhar até a favela mais próxima e ali me afundar na cocaína e no crack” (p.168).

**18. Invisibilidade**

“Dormi nas praias, nas praças, nas calçadas e embaixo das marquises, andava de um bairro a outro, parecia invisível, subia nos ônibus mesmo sem pagar passagem e não era incomodado” (p.178).

**• Sentido de Vida**

**A. Valores de Vivência**

**19. O filho recém-nascido serviu como motivação/ sentido para que ele não retornasse ao crime, apesar do desemprego**

“A campanha eleitoral chegou ao fim, e eu mais uma vez me encontrava desempregado e os convites para voltar ao mundo do crime eram constantes, algo que nem passava em minha cabeça retornar aquela vida. Estava feliz em ter meu pequeno filho em meus braços, ficava horas e horas com ele e da nossa laje admirava a beleza do Cristo Redentor” (p.60).

**20. Após a tentativa de suicídio, Leo encontrou sentido em sua vida por meio de seus dois filhos menores**

“Cheguei em casa depois de um banho, me deitei, meus pequenos filhos me acariciavam e a mim diziam: ‘Pai, não se mata mais não’.

Depois de alguns comprimidos, consegui adormecer. Eu, de alguma forma, tinha que continuar a viver, tinha que tentar algum dinheiro para sustentar meu vício destruidor e também alimentar meus filhos” (p.130).

### **21. Desejo de ver os filhos antes de morrer como força motriz**

“Aquela noite me deitei sobre o colchão, demorei a dormir, pensava muito em meus pequenos filhos no interior de Minas Gerais e também em sua mãe Pricila, já tinha perdido as esperanças de revê-los, pois eu não via saída na situação que me encontrava. Eu na rua poucas vezes falava com Deus, muito menos agradecia pela minha vida porque era difícil a cada dia levantar sem um nome, sem endereço, mas nessa noite eu pedia: ‘Deus, antes de eu morrer, deixa eu pelo menos não sei como, mas deixa eu ver meus filhos” (p.169).

### **22. Esperança em reencontrar os filhos como motivação**

“Era uma tarde de sol no Rio de Janeiro, lanchei e logo conheci alguns que ali estavam dividindo o mesmo espaço. Era um quarto grande, eu e mais 19 homens queríamos nos livrar das drogas e encontrar uma nova vida e quem sabe um dia reencontrar meus filhos, estava disposto a fazer tudo para isso acontecer” (p.199).

## **B. Valores de Atitude**

### **23. Sofrimento em dar-se conta de sua situação**

“Cheguei na casa em construção, tirei aquele terno, aquele lindo sapato e me vesti novamente com meus trapos. Não aguentei, caí em mim e vi que realmente eu não era mais um membro da família. Me deitei sobre uma tábua, um fino colchão peguei a Bíblia e ali escrevi a minha carta de despedida. Nesta carta eu confessava os meus fracassos como homem, como pai e como filho, ali mesmo no chão deixei a carta e a Bíblia e em cima da cadeira olhava aquela linda roupa usada em uma noite que por alguns momentos me fez sair da minha realidade. Deitei em um corredor depois de tanto chorar e chorar, minha velha camisa chegou a molhar de tantas lágrimas e ali adormeci” (p.176).

#### **24. Sofrimento por usar drogas, pelo corpo, pela fome**

“Me retirei e logo em uma rua próxima em uma caçamba de lixo depois de tantas outras nada encontrar, encontrei alguns pacotes de biscoitos já mofados, mas era a única coisa que eu tinha para comer. Atravessei a rua já no outro lado da calçada comia e gritava: ‘É isso, Deus, o que você quer para mim? Por que não me mata de uma vez? Por que tanto poupar minha vida, o que eu fiz para merecer carregar esse corpo magro e fedido pelas ruas? Nada mais eu tenho, chega!’. Um casal vendo meu desespero se aproximou, se ofereceu para me dar um lanche e até dinheiro, o lanche eu aceitei, mas o dinheiro não. Não aguentava mais usar drogas, sabia eu que foram as drogas que me colocaram ali naquela vida” (p.176).

#### **25. Sofrimento em ser humilhado**

“Em uma das poucas vezes que pedi novamente foi em uma padaria, entrei e vi uma senhora de aproximadamente um metro e meio que já aparentava uma idade avançada, me aproximei e falei: ‘Senhora, por favor, me paga um pão’. Ela se virou não disse nem sim nem não, apenas cuspiu em meu rosto. Não tive nem reação, não acreditava naquilo, sem chão, meio tonto, com aquilo me retirei. Sentei na calçada, ali junto da entrada do estacionamento, e chorei, lembrava eu da minha infância, das mesas fartas de café da manhã. Lembrava do amor e do carinho de minha avó Esther comigo [...] Lembrava dos cafés da manhã na companhia dos meus filhos, de tantos ao lado da minha tia Lúcia e a lágrima em meu rosto não cessava. Um senhor que presenciou a cena veio até mim e eu, mesmo sujo, ele não se importou. Passou a mão em meu rosto, parecia querer enxugar minhas lágrimas, uma jovem se aproximou e me deu um grande copo de café com leite e dois pães com manteiga, eu em silêncio só ouvia as pessoas a minha volta falarem: ‘Não precisava disso o rapaz, é gente como a gente e tem sentimentos, ele só está com fome’. Comi os pães e bebi aquele copo de café com leite, estava difícil de engolir sem nada dizer,

peguei o meu grande saco de latas que estavam do lado de fora e revoltado com a vida fui em direção ao ferro velho. Vendi e com aqueles míseros trocados segui ao lugar que mais me fazia sentir bem: a boca de fumo. Comprei minha droga do alívio, sentei em frente ao mar de Copacabana e consumi, era para mim o único momento que me tirava a dor. Dor do desprezo, dor do descaso, dor da solidão e a dor da falta de esperança de ter uma vida melhor, esse era eu um homem desacreditado e afundado na infelicidade, 35 anos, 1 metro e 85 cm, com um corpo de menino e aparência de um velho. Segui a vida com a esperança de em breve encontrar a morte” (p.177).

## **26. Necessidade em mudar perante o sofrimento**

“[...] Em uma das minhas andanças já descalço, cabelo grande, barba por fazer, em um longo dia de sol, já abatido pelas minhas feridas na alma e uma sede que cortava minha garganta, entrei em um restaurante enlouquecido de sede e fui posto para fora pelo segurança. Bem forte e de fala firme me perguntou: ‘O que você quer doidão?’ Eu ainda de cabeça baixa respondi: ‘Um copo de água, sinto muita sede’. Ele sorriu e disse: ‘Espera aí, é água que tu quer? Vou dar.’ Do lado de fora esperei e enquanto esperava olhava. Olhava os homens lá trabalhando e lembrava nos bons tempos em que em vários restaurantes trabalhei, depois de esperar lá veio o segurança em suas mãos um copo me deu. Um grande copo descartável com água e bastante gelo. Nossa, eu peguei e pus na boca, me preparando para uma grande golada. Mas infelizmente só foi uma golada, imediatamente joguei para fora, além de gelo e água, naquele grande copo tinha sal e lá dentro os mesmos homens que olhava trabalhar riam de mim, eram gargalhadas sem parar e ouvi um deles gritar: ‘Vai embora, doidão, some daqui’. Eu, diferente de quando cuspiram em mim, não chorei e sim me revoltei, saí dali com ódio e a mim disse: ‘Chega, tenho que tomar uma decisão’” (p.178).

**27. Pela segunda vez buscando um tratamento, Leo relata que não aguenta mais sofrer**

“Em uma das salas encontrei uma doce senhora de nome Erli que a mim sorriu e perguntou: ‘E agora, o que quer realmente?’ Eu disse: ‘Irmã Erli, eu quero realmente mudar de vida, não aguento mais sofrer’. ‘É, meu filho, se esse é seu sonho, lute por ele” (p.198).

**C. Valores de Criação****28. Coordenar um grupo de oração**

“E assim criava eu, da minha maneira, meu grupo de oração e a partir daquele dia fiz eu um compromisso com Deus e a Bíblia passava a ser minha melhor companhia” (p.205).

**29. Levar a mensagem ao outro**

“Lia a Bíblia, levava a mensagem e arriscava até a cantar e quando me dei conta já estava sentado em frente algumas vezes ao lado da irmã Maria e outros ao lado do educador Bergue que em uma de suas mensagens eu levo até hoje comigo” (p.206).

---

## DISCUSSÃO

A partir dos recortes realizados, inicia-se essa discussão relacionando possíveis entendimentos acerca da primeira categoria, definida como “Dependência Química” e de suas respectivas subcategorias: “Baixo Controle” e “Frustração Existencial”. O baixo controle é um dos critérios que caracterizam um transtorno por uso de substâncias psicoativas (DSM-V, 2014). O baixo controle acarreta no consumo em quantidade ou período maior que o pretendido pelo usuário e apesar do desejo de cessar ou diminuir o uso, as tentativas são fracassadas (DSM-V, 2014). Outro resultante do baixo controle é a presença de um desejo acentuado de consumir a droga, chamado de fissura. Durante um período de abstinência, a manifestação de fissura é um dos aspectos que mais influencia na recaída ao consumo de substâncias psicoativas (Fonseca & Lemos, 2011).

Na primeira subcategoria, pode-se considerar que o recorte 1 retrata a falta de controle de Leo em relação à droga, manifestando um desejo incontrolável pelo uso e relatando o consumo excessivo apesar de ter outros planos. O recorte 1 pode estar relacionado ao recorte 2, visto que os esforços de não buscar a cocaína foram frustrados. Quando uma substância psicoativa é consumida constantemente, há uma diminuição ou perda dos efeitos obtidos inicialmente e, então, o sujeito necessita de doses cada vez maiores para sanar sua satisfação. Esse processo é denominado como tolerância (DSM-V, 2014). O recorte 3 pode permitir a compreensão de que nesse momento de vida, a tolerância de Leo em relação ao uso de drogas está aumentando, o que é característico da dependência química e pode fazer com que o usuário não consiga controlar o uso da substância. O recorte 4 indica que mesmo após ter tido uma overdose e ter posto em risco sua integridade física, a vontade de consumir drogas era mais forte do que ele, faltando-lhe forças em prol da sua própria vida. Os recortes 5 e 6, podem enfatizar o fato de que a vontade de usar cocaína era mais forte que ele, pois com baixo controle e no intuito de conseguir drogas ele pôs em risco sua vida, mais uma vez.

No Brasil, há relação entre o uso de drogas com uma série de agravos à saúde, além de agressões e outras danificações (Zeferino et al., 2015). A dependência de substâncias psicoativas está vinculada à auto administração da manutenção do consumo de determinada droga, apesar da evidência de problemas relacionados ao uso em aspectos pessoais, sociais e de saúde (Schlindwein-Zanini, Almeida, Helegda & Fernandes, 2014). Ao relacionar o conceito com os recortes citados acima, pode-se concluir que Leo é um sujeito dependente químico, que não apresenta controle sob seu uso, apesar de perceber os danos causados pela droga, em diferentes âmbitos de sua vida.

A segunda subcategoria da “Dependência Química” foi nomeada como “Frustração Existencial”. No intuito de entendermos a subcategoria, torna-se fundamental a caracterização do termo “vazio existencial”. O vazio existencial advém do sentimento de que a vida não tem sentido, de um profundo estado de tédio e sensação de inutilidade (Frankl, 1946/2013; Xausa, 1988). Esse sentimento acomete cada vez mais o sujeito contemporâneo, que sem instinto e tradição que lhe diga o que fazer, apresenta dificuldades de espelhar sua subjetividade e não encontra fonte de sentido no ócio e (Frankl, 1978/2000, 1946/2013; Xausa, 1988; Ramos & Rocha, 2018). O vazio existencial pode se apresentar no sujeito por meio da tríade: depressão, agressividade/ autoagressividade e dependência química (Frankl, 1978/2000).

A frustração existencial é um sentimento primário de não realização de um sentido e pode levar ao vazio existencial, ou seja, a um sentimento íntegro de que a vida não tem sentido. Assim sendo, frustrações existenciais podem levar ao vazio existencial (Frankl, 1978/2000). Os recortes 7, 8, 9, 10 e 11 apresentam momentos que podem indicar frustrações existenciais da vida de Leo.

Os recortes 7 e 11 mostram o consumo de drogas como possibilidade de aliviar o sofrimento vivido. No primeiro, visa reduzir a dor de perder o filho e no segundo, após o divórcio da companheira, ele sentiu necessidade de usar uma substância ainda mais forte para amenizar os sentimentos negativos que estava vivenciando. Isso pode sinalizar que a cocaína estava sendo usada como forma de entorpecer a realidade de dor e luto. Visto que, na Logoterapia, a dependência química pode ser considerada uma via para fugir de frustrações pessoais e viver um mundo de ilusões, mesmo que momentaneamente (Frankl, 1946/1989; Lukas, 1992).

Os recortes 8 e 9 expressam dois momentos em que as frustrações existenciais de Leo podem ter se apresentado. Nos segmentos, ele relata situações em que esteve sem esperança, desacreditado da vida, sem vontade de viver, com o uso intenso de drogas e sem se importar com a própria vida, o que o levou a voltar para a vida do crime, já que não temia a morte. Pode-se relacionar a experiência de Leo, descrita no relato, com a ideia de Ortiz (2009), na qual o autor afirma que a grande maioria dos dependentes químicos, que são acometidos pela sensação de vazio existencial, expressam esse sentimento por meio de frases, como por exemplo, “não vejo sentido”, “sinto-me desorientado”, entre outras.

O recorte 10 relata uma noite na qual Leo estava extremamente frustrado, desempregado, sob efeito de substâncias psicoativas e com desejo de morte. Então, ele seguiu até uma avenida movimentada e se jogou entre os carros com o intuito de se suicidar, mas teve sua vida salva por duas pessoas que passavam pelo local e o levaram para sua casa.

A tentativa de cessar sua existência pode ser compreendida como um episódio no qual ele não encontrou mais nenhum sentido de vida, ou seja, entende-se que suas frustrações pessoais o levaram a apresentar sentimentos de vazio existencial, visto que, a agressividade faz parte da tríade que compõe meios de expressão desse vácuo e pode ser direcionada tanto para o outro, quanto para si próprio.

Acredita-se na complexidade que abarca o termo vazio existencial, no entanto, considera-se importante destacar aspectos de sofrimento, considerados como frustrações pelo próprio protagonista da história. Tais frustrações o levaram a experimentar sentimentos de que a vida não teria sentido. Entretanto, ressalta-se a concepção de que os sentimentos de vácuo existencial, ou seja, de que a vida não teria sentido nenhum, se deram no momento em que buscou suicídio, mas logo ao chegar em casa e receber atenção dos filhos retomou algum sentido para si, conforme é descrito no recorte 20, que será detalhado adiante. Ademais, pode-se refletir acerca da ligação da dependência química com o vazio existencial, a qual acaba tendo uma relação dialética, busca-se drogas no intuito de sanar sentimentos de vazio e a dependência finda por gerar frustrações e reforçar a sensação de vácuo, devido às deteriorações biopsicossociais.

A segunda categoria foi definida como “Deterioração Social”, a qual pode ser considerada um sintoma da dependência química e é caracterizada como o insucesso em realizar atividades corriqueiras relacionadas ao trabalho, a escola ou lar. A pessoa continua a consumir substâncias psicoativas, apesar de evidências indicarem problemas sociais e/ou interpessoais potencializados como consequências do uso (DSM-V, 2014). Desta forma, alguns acontecimentos descritos no livro podem denotar os impactos que o consumo intenso de drogas causou à Leo, fazendo com que gradativamente houvesse um deterioramento social e interpessoal em sua vida.

O recorte 12 relata um passeio frustrado do protagonista com os filhos. Neste dia, ele consumiu tanta droga que gastou o dinheiro que usaria para lanche com as crianças e utilizar o transporte. O que era para ser um dia feliz em família foi marcado pela incapacidade de controlar o vício pela cocaína, a droga foi priorizada e a relação com os filhos deixada em segundo plano. Esse acontecimento pode estar mostrando a interferência da droga nas relações familiares de Leo e a frustração de não ter a situação controlada, podendo evidenciar um problema social e interpessoal.

O recorte 13 apresenta o desfecho de uma última chance dada pelo irmão. Após muitas tentativas familiares de ajudar Leo a mudar de vida, o irmão lhe cedeu um espaço para morar com a condição de que controlasse o uso de drogas e mudasse seu rumo. Pouco tempo após o ultimato, de tanto pedir drogas a outros usuários, iniciou-se uma briga e, nesse

momento, o irmão dele passava de ônibus pelo local. O irmão desceu do transporte e o tirou daquela situação, levando-o para casa. Leo havia feito necessidades fisiológicas na roupa, estava sujo e fedendo. A mãe ficou desesperada ao ver o filho naquela circunstância e ele, agora sem ter onde morar, no intuito de cessar o sofrimento alheio, optou por sofrer sozinho, foi morar nas ruas do Rio de Janeiro.

No Brasil, o consumo excessivo de drogas é um dos principais aspectos que leva pessoas a viverem em situação de rua (Ministério do Desenvolvimento Social, 2009). Neste contexto, os fatores considerados protetivos como boa auto estima, lazer e relacionamentos saudáveis são diminuídos ou até extintos, enquanto os aspectos de risco, como exclusão, falta de vínculos, ambiente hostil e falta de oportunidade de trabalho são exacerbados e isso aumenta a possibilidade de consumo de substâncias psicoativas (Macedo et al., 2014; Ferro & Meneses-Gaya, 2015; Zeferino et al., 2015).

O recorte 14 retrata o primeiro dia de Leo vivendo em situação de rua, com fome, mal vestido e esmolando, ele não se sentia visto e nem ouvido por ninguém. Isso pode mostrar a invisibilidade que acomete pessoas que vivem nesse cenário. Essa invisibilidade é encarada como um impasse ao reconhecimento de direitos desses sujeitos (Ministério da Saúde, 2014). No país, a legalização do direito dessa população é recente, visto que a Política Nacional para População em Situação de Rua foi instituída no ano de 2009, ou seja, pouco mais de uma década. Outro fato que evidencia essa invisibilidade é que os dados acerca dessas pessoas nunca foram inseridos nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por ordem judicial essas informações serão agregadas no censo demográfico de 2020, realizado pelo IBGE.

No recorte 18, Leo enfatiza a invisibilidade percebida por ele ao andar de ônibus sem pagar a taxa e nem sequer ser incomodado por outras pessoas. Esse tipo de indiferença pode estar relacionada não só à situação de rua, mas também ao sujeito dependente químico, que socialmente é imaginado como alguém que burla o sistema de leis, guia seus comportamentos pelo prazer, é irresponsável e delinquente (Melo & Maciel, 2016; Scislesk & Galeano, 2018). Ademais, o status de ilegalidade de substâncias psicoativas é projetado ao usuário e isso intensifica a invisibilidade e a exclusão desse grupo de pessoas, dificultando o acesso a meios de tratamento (Melo & Maciel, 2016). Pode-se pensar que Leo torna-se invisível aos olhos da sociedade por estar sujo, mal vestido e com uma imagem que projeta a situação de rua aliada à dependência química, tornando-se excluído pelas pessoas a ponto de não pagar o transporte e não se incomodarem com isso. Seja pela representatividade de uma marginalização que carrega ou por estar maltrapilho, projetando a imagem de pobreza extrema. A pobreza, a desigualdade, o preconceito social, a falta de políticas públicas, entre

outros fatores, contribuem para o aumento de pessoas morando na rua (Ministério da Saúde, 2014).

Supõe-se que o fato de ser excluído socialmente em um contexto tão endurecido pode causar confusão de identidade nesses sujeitos, uma visão de segregação entre si e o mundo. O recorte 15 relata uma cena na qual Leo evacua atrás de uma árvore, sendo visto pelas pessoas que passavam no local e isso fez ele perceber que a cada dia perdia sua identidade e sua relação com a sociedade. A realidade de pessoas que vivem em situação de rua é repleta de dificuldades que geram sofrimento físico e psicológico, o qual muitas vezes o sujeito busca minimizar por meio do consumo de drogas, sendo que a substância torna-se uma espécie de consolo temporário (Matos, 2018; Sicari & Zanella, 2018). O recorte 16 mostra um momento em que Leo está pedindo dinheiro, sente-se invisível por algumas pessoas, está desanimado com a vida, buscando juntar moedas suficientes para comprar drogas e aliviar, mesmo que momentaneamente, sua dor.

Degenerações no trabalho podem ser consideradas como indicativo de deterioração social (DSM-V, 2014). Durante sua trajetória de vida, Leo passou por diversos empregos, mas apresentou dificuldade em manter-se estável devido ao consumo de drogas. Em situação de rua, não foi diferente. O recorte 17 apresenta uma oportunidade de emprego que teve morando na rua, mas que não conseguiu manter após receber o pagamento, permanecendo dois dias se drogando, mostrando que o vício se revelava mais forte do que o objetivo de mudar sua situação. O desemprego é um dos fatores predominantes que levam pessoas a morar nas ruas (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009) e a dependência química pode afetar o desenvolvimento de atividades laborais com sucesso, por parte do usuário de drogas (DSM-V). Assim, pode-se pensar que o consumo abusivo de drogas tem relação direta com o fracasso no trabalho e ambos são os principais fatores que levam à situação de rua. Conforme dados obtidos em uma pesquisa realizada no ano de 2007 problemas com alcoolismo e/ou drogas representam 35,5% das motivações de viver na rua e o desemprego 29,8% (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009). Apesar de ser uma pesquisa, relativamente, antiga apresenta a conexão entre os fatores e, por outro lado, enfatiza a falta de estudos acerca da população de rua.

A deterioração social acomete sujeitos dependentes químicos em diferentes níveis da vida. Percebe-se, que no caso de Leo, ele passou a pouco se importar com a aparência e saúde física, a ponto de fazer necessidades fisiológicas na roupa e não tomar banho, mesmo quando era possível. A questão psicológica também foi afetada, como mostrou o momento em que opta por morar nas ruas, ao invés de ver a mãe sofrer ou até mesmo quando reluta para mudar sua situação, mas não tem sucesso, sentindo-se derrotado e fracassado. A

relações sociais foram influenciadas, a mãe, o irmão e os filhos foram envolvidos em situações negativas. O âmbito trabalhista era instável e o dinheiro adquirido usado compulsivamente para sanar o vício.

Ao refletir sobre tais aspectos, pode-se pensar que a dependência química aliada à deterioração social provoca sofrimento ao sujeito, que, em muitos casos, busca a droga para sanar sua dor e acaba entrando em um ciclo difícil de ser interrompido, também devido à invisibilidade social que acomete esse grupo de pessoas. Entretanto, a descoberta ou o resgate de sentido de vida pode instigar o sujeito a buscar uma recuperação da dependência química e cessar o ciclo, conforme o que será explanado na terceira categoria, conceituada como “Sentido de Vida”.

A Logoterapia, fundada por Viktor Frankl, aborda o desejo de sentido de vida como sendo fonte de realização humana (Frankl, 1946/2013; Lukas, 2005; Kroeff, 2014). Na Logoterapia, a concepção de sujeito é embasada em três pilares: a liberdade da vontade; a vontade de sentido; e o sentido da vida (Frankl, 1969/2011; Meireles, 2018).

A liberdade da vontade compreende a pessoa como livre, consciente e responsável por suas escolhas independente das limitações e condicionamentos que a vida lhe apresentar, pois a decisão de como enfrentá-las é totalmente do sujeito e irá construir a sua existência (Frankl, 1946/2013; Kroeff, 2014). A dependência química é considerada um transtorno que repercute negativamente em diversos aspectos da vida (DSM-V, 2014). Entretanto, as relações de teoria e artefato aqui realizadas se dão a partir da concepção de que Leo foi livre para seguir suas escolhas e, portanto, responsável por elas. Independente das adversidades surgidas ao longo de sua vida, o posicionamento dele diante disso é que o constituiu existencialmente. A vontade de sentido é a força primária que leva o ser humano a buscar e realizar seus sentidos (Frankl, 1976/1991, 1978/2000; Santos, 2016), visando não apenas a felicidade, mas uma motivação para ser feliz (Kroeff, 2014). Tais conceituações tornam-se importantes para o entendimento das implicações de sentido de vida na história do protagonista, Leo Motta.

O sentido da vida, terceiro pilar, é subjetivo a cada pessoa, mas não é único e muda-se constantemente. O sentido não pode ser dado e sim encontrado pelo próprio sujeito através de valores de vivência, valores de atitude, valores de criação, autodistanciamento, autotranscendência (Kroeff, 2014; Xausa, 1988).

Os “Valores de Vivência”, primeira subcategoria deste ítem, representam a descoberta de que a pessoa pode receber algo bom do mundo, como a verdade, a beleza, a natureza, a cultura e relações interpessoais que resultem em amor. Alguns trechos podem indicar valores de vivência percebidos por Leo. Os recortes 19, 20, 21 e 22 mostram

momentos em que a relação com os filhos pode ter lhe motivado a buscar um sentido de vida. Os dois primeiros aconteceram enquanto Leo morava com a família e os últimos quando estava vivendo em situação de rua. O recorte 19 retrata um momento em que estava desempregado e recebendo constantes convites para voltar ao mundo do crime, mas ter o filho recém-nascido em seus braços lhe proporcionava felicidade suficiente para não querer retornar àquela vida perigosa.

Com um consumo intenso de drogas e extremamente frustrado com sua vida, Leo tentou cometer suicídio, jogando-se contra os carros que circulavam em uma movimentada avenida, mas teve sua vida salva por dois homens que passavam pelo local. O recorte 20 descreve o que ocorreu depois desse episódio, assim que chegou em sua casa. Os filhos pediram, carinhosamente, para que ele não se matasse. Pode-se supor que a fala dos filhos e o afeto recebido lhe deram algum sentido de vida nesse momento. Visto que, mudou sua percepção e passou a se ver como responsável a continuar a viver para sustentar seu vício e alimentar os filhos.

O recorte 21 retrata Leo vivendo na rua, sem ver uma saída para sua situação e mesmo sem esperança de rever os filhos e a mãe das crianças o seu pedido à Deus foi voltado a solicitar uma última chance de vê-los antes de morrer. Pressupõe-se que o desejo de revê-los pode ter servido como força motriz para encontrar sentido na vida por meio das relações interpessoais com os filhos e a ex companheira. A partir disso, entende-se que os filhos serviram como fonte de sentido à vida e a aspiração de os encontrar novamente como vontade de sentido. Isso pode ser enfatizado com o recorte 22, que mostra um período de tratamento à dependência química, no qual ele diz estar disposto a fazer tudo para livrar-se das drogas, recomeçar a vida e reencontrar os filhos.

“Valores de Atitude”, segunda subcategoria, são constituídos pelas atitudes adotadas diante um sofrimento inevitável, ou seja, a possibilidade de a pessoa mudar de posicionamento frente à *tríade trágica* (Kroeff, 2014; Xausa, 1988). A tríade trágica é composta por três elementos: sofrimento, culpa e morte. O último, é encarado como sendo o limite da possibilidade de encontro de sentido. A reflexão da morte pode proporcionar a concepção de que a vida tem fim e que é preciso aproveitar cada momento vivido (Frankl, 1946/1989; Kroeff, 2014). Ao ligar o conceito do elemento com a história de Leo, entende-se que a situação apresentada no recorte 20, além de indicar valores de vivência como já citado, pode apontar uma possível reflexão acerca da finitude, visto que compreendeu que não poderia cessar a vida por acreditar que precisava sustentar seu vício e prover alimento para os filhos. A concepção de morte só tem sentido quando comparada com o conceito de vida, possibilitando uma reflexão do que será perdido caso a vida tenha fim (Kroeff, 2014).

A culpa pode ser compreendida como uma espécie de sofrimento, visto que o sujeito toma consciência de que está infringindo seus valores e julga-se por isso (Kroeff, 2014). O sofrimento não é necessário para obter sentido, mas por ser inevitável à vida tem significados e é na atitude adotada perante o sofrimento que é possível encontrar sentido, transformando uma tragédia em um triunfo (Frankl, 1946/2013; Kroeff, 2014; Pereira & Pinheiro, 2018).

Os recortes 23, 24 e 25 descrevem alguns momentos de sofrimento vivenciados por Leo, enquanto os recortes 26 e 27 apresentam a necessidade de mudar perante a dor vivida. No recorte 23, Leo relata o ocorrido após a cerimônia de casamento do irmão. Mesmo em situação de rua, o irmão lhe convidou para o casamento, lhe forneceu vestimentas adequadas e deixou que ele dormisse, naquela noite, em sua casa, que estava em construção. No momento em que chegou na casa, Leo deu-se conta de sua situação e sentiu-se fracassado como homem, como pai e como filho. Com uma Bíblia em mãos, escreveu uma carta de despedida e se pôs a chorar até adormecer. Entende-se que o sentimento de fracasso pode estar relacionado a culpa por não estabelecer seus papéis sociais como gostaria.

O recorte 24 conta o que fez quando acordou no dia seguinte ao casamento, comeu biscoitos mofos do lixo, questionou Deus sobre sua existência. Um casal lhe ofereceu lanche e dinheiro, ele não aceitou o dinheiro porque não aguentava mais usar drogas, sabendo que isso foi a motivação de estar naquela situação. O recorte 25 apresenta um momento em que Leo foi esmolar um pão a uma senhora, essa lhe cuspiu no rosto e isso causou nele muito sofrimento. Além de chorar, lembrou da infância, de quando a avó servia fartas mesas de café, dos cafés da manhã ao lado dos filhos e da tia. Outras pessoas se aproximaram e lhe deram café com leite e pães, mas essa foi uma situação muito dolorosa para Leo, que se sentiu desprezado, desacreditado, infeliz, com a esperança de logo encontrar a morte.

O recorte 26 relata um dia ensolarado, Leo estava abatido física e mentalmente e também sentia muita sede. Tentou entrar em um restaurante, mas o segurança o colocou para fora imediatamente e questionou o que queria. Ele pediu água e o segurança atendeu o pedido, mas no copo além de água e gelo, colocou sal. No primeiro gole, os homens que trabalhavam no restaurante começaram a rir dele e um destes ordenou que saísse do local. Após essa humilhação, diferente de quando foi cuspidado, Leo sentiu ódio e disse para si mesmo que precisava tomar uma decisão e mudar de vida. O recorte 27 mostra o primeiro dia de Leo no tratamento à dependência química, pela segunda e efetiva vez, e ele diz à Irmã que quer mudar de vida por não aguentar mais sofrer.

Os recortes 23, 24, 25, 26 e 27 apresentam os acontecimentos dolorosos que antecederam a decisão de Leo por buscar um tratamento à dependência química e mudar de vida. A partir destes trechos, pode-se pensar que o sofrimento vivenciado fez com que ele

tomasse a decisão de mudar suas atitudes, buscando cessar a dor que viver naquela situação lhe causava e possibilitando um autodistanciamento. O autodistanciamento é caracterizado como a capacidade da pessoa distanciar-se de si mesma para perceber que ela é resumida àquela circunstância e, a partir disso, toma novos posicionamentos (Frankl, 1946/2013; Kroeff, 2014). Supõe-se que por meio do sofrimento foi possível que ele fizesse um processo de autodistanciamento, distanciando-se da situação para entender que poderia ser modificada e que, para isso acontecer, era preciso tomar atitudes diferentes. De acordo com a Logoterapia, um pré requisito para a saúde mental de um sujeito é uma tensão equilibrada entre o que alcançou e o que necessita alcançar, deslocando-se do *ser* ao *dever-ser* (Frankl, 1978/2000). Entende-se que o autodistanciamento perante o sofrimento possibilitou esse movimento em Leo, que passou a adotar novas condutas para atingir o *dever-ser*. Mesmo perante situações limitantes, o ser humano é consciente e responsável em suas escolhas (Frankl, 1978/2005, 1946/2013). Ademais, o sofrimento pode oportunizar a obtenção de uma amplitude acerca de sua consciência (Frankl em Kroeff, 2014). A partir disso, pode-se hipotetizar que o sofrimento possibilitou uma tomada de consciência, que proporcionou o autodistanciamento realizado e por conseguinte, a mudança de atitude.

Os “Valores de Criação”, terceira subcategoria, advém através do que é percebido como importante para o sujeito e pelo o que ele pode oferecer ao mundo (Xausa, 1988). Esses valores podem se dar por meio da realização profissional, do trabalho, criações intelectuais e através da contribuição ao mundo e ao outro (Kroeff, 2014). No caso de Leo, pode-se relacionar esse conceito com os recortes 28 e 29, nos quais descrevem que, durante o tratamento, ele passou a coordenar um grupo de oração dentro da instituição que estava buscando levar a mensagem divina ao outro. Entende-se que esta foi uma forma de oferecer algo bom ao outro e que isso pode ter contribuído para o seu encontro de sentido da vida e para sua autotranscendência.

A autotranscendência é compreendida como a habilidade do ser humano transcender-se, ou seja, embasar sua existência em uma relação de amor com algo ou alguém, além de si mesmo (Frankl, 1946/2013; Santos, 2016). O sujeito volta-se para o mundo em busca de um sentido e quanto mais esquece de si em prol do outro, mais humano se transforma, assim, “em serviço a uma causa ou no amor a uma pessoa realiza-se o homem a si mesmo” (Frankl, 2015, p.15). Ao refletir acerca dos valores que podem ter contribuído com o encontro de sentido por Leo, entende-se que o amor pelos filhos e a intenção de transmitir a mensagem ao outro por meio do grupo de orações possibilitou a autotranscendência, realizando-se a si mesmo.

Na Logoterapia, a fé pode ser compreendida como a realização de uma vontade de sentido último e Deus como o parceiro do sujeito em seus mais íntimos monólogos de solidão e honestidade (Frankl, 1943/2017). A transcendência pode se dar por meio dessa relação com um “Tu”, um transcendente (Frankl, 1990). Os recortes 16, 21, 24 e 28 destacam a relação de diálogo de Leo com Deus. Nos recortes 16 e 24, ele questiona Deus sobre o porquê de ainda não ter lhe tirado a vida perante tanto sofrimento; no 21 ele pede uma possibilidade de ver os filhos antes de morrer; no 28 estabeleceu um compromisso com a divindade. A partir disso, hipotetiza-se que essa experiência de solilóquio em momentos de sofrimento possa ter influenciado no processo de transcendência dele, lhe permitindo a realização de uma vontade de sentido.

A partir da categoria “Sentido de Vida”, pode-se refletir acerca de fatores que possam ter contribuído com o encontro de sentido de vida de Leo, bem como a influência dos fenômenos abarcados nas subcategorias elencadas: “Valores de Vivência”, “Valores de Atitude”, “Valores de Criação”. Os valores possibilitaram que Leo pudesse se autodistanciar do sofrimento vivenciado para autotranscender-se, cessar o sofrimento experienciado pela dependência química e pela situação de rua, buscando recomeçar sua vida. Ademais, os diálogos com Deus podem ter fortalecido seu estado psicológico por meio da fé, que lhe proporcionava reflexões em momentos de dor e esperança, bem como, nas circunstâncias em que buscava forças para superar a dependência química.

Ao finalizar a relação entre o referencial teórico e o artefato cultural escolhido, conclui-se que foi possível discutir acerca de fatores englobados na dependência química e na situação de rua, bem como, aspectos envolvidos no sentido de vida de pessoas que vivem nessas condições. Ademais, foi corroborada a concepção logoterapêutica de que mesmo diante de circunstâncias consideradas difíceis, o sujeito é livre para transformar-se, mudar sua situação e encontrar sentido de vida. Aliás, mesmo nos mais árduos contextos que se apresentem, sempre, há possibilidade de sentido (Frankl, 1946/1989). Percebeu-se, também, os princípios envolvidos no processo de encontro de sentido de vida, sendo a Logoterapia de suma importância para esse entendimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do presente trabalho possibilitou o estudo das possíveis implicações de sujeitos dependentes químicos em situação de rua relacionadas ao sentido da vida. Para isso, foram alinhados três objetivos específicos: conceituar o sentido da vida, segundo a Logoterapia; caracterizar a dependência química; e, apresentar aspectos fundamentais acerca de pessoas em situação de rua. No intuito de sanar os objetivos, buscou-se referencial teórico capaz de sustentar, cientificamente, esta pesquisa. Visando uma melhor percepção, optou-se por utilizar um artefato cultural que pudesse contemplar os propósitos deste trabalho.

Considera-se que os objetivos foram atingidos e que o artefato cultural escolhido, o livro *Há vida depois das marquises*, foi fundamental para a compreensão dos fenômenos abarcados no sentido da vida de sujeitos dependentes químicos em situação de rua. Entende-se que o contexto vivenciado por estas pessoas é muito complexo, que cada sujeito é ímpar e tem sua subjetividade. No entanto, uma fonte autobiográfica que relata uma história de vida real, de um brasileiro, e os diversos aspectos envolvidos tanto na dependência de substâncias psicoativas, quanto na situação de rua e nas fontes de encontro de sentido, foi imprescindível para este estudo. O livro relata a trajetória de Leo, conta sua infância, adolescência, desde o envolvimento com drogas até a percepção de estar dependente da substância, o percurso da deterioração biopsicossocial ao ponto de ir viver em situação de rua, bem como, os sentidos encontrados para transformar sua história, sair das ruas e começar sua vida. A relação do referencial teórico com o artefato, possibilitou o entendimento abordado na Logoterapia, de que mesmo diante de sofrimento e adversidades é possível encontrar sentido de vida. Mostrando, que mesmo um sujeito dependente químico, vivendo em situação de rua e sofrendo a rigidez do entrelaçamento desse contexto, é capaz de encontrar sentido em sua vida.

No que tange a limitações, entende-se que inicialmente houveram dificuldades relacionadas a teoria logoterapêutica, visto que durante a graduação não há aprofundamento teórico do assunto. Mas, encontrou-se uma vasta quantidade de livros e artigos científicos que abordam os conceitos mais importantes da teoria fundada por Frankl. Ademais, a pesquisadora teve a oportunidade de participar do evento *O Sentido da Vida - Encontro Sul-Brasileiro de Logoterapia*, ocorrido durante o desenvolvimento do projeto deste trabalho, o que proporcionou uma significativa elucidação teórica.

Ao realizar a revisão de literatura foi possível concretizar a percepção de que o sujeito dependente químico em situação de rua é acometido por exclusão social em diferentes níveis. Desde a sociedade em geral, que por vezes atrela essa condição à marginalização, até a falta

de políticas públicas voltadas à pessoas em situação de rua. A Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR) foi instituída em 2009, ou seja, recentemente, e não há dados estatísticos atualizados acerca dessa população no Brasil. Por meio de uma ação judicial, foi decretado que esses números devem ser inseridos no próximo censo demográfico, o que por um lado mostra a exclusão desse grupo, mas por outro, pode indicar um marco positivo de reconhecimento. Acredita-se que este estudo poderia ser mais íntegro se houvessem dados estatísticos atualizados acerca destes indivíduos. Por fim, sugere-se a continuidade de estudos relacionados à sujeitos dependentes químicos em situação de rua, tanto no que tange ao sentido de vida, quanto a tantos outros aspectos abarcados na vida destas pessoas.

## **REFERÊNCIAS**

- Abreu, D. & Salvadori, L. V. (2015). Pessoas em situação de rua, exclusão social e realização: reflexões para o serviço social. Trabalho apresentado no *Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social*, Florianópolis, Santa Catarina.
- American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Tradução técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Carrara, P. S. (2016). Espiritualidade e saúde na logoterapia de Viktor Frankl. *Interações: Cultura e Comunidade*, 11(20), 66-84
- Cordeiro, D. C. (2013). Dependência química: conceituação e modelos teóricos. In N. A. Zanelatto & R. Laranjeira (Org.), *O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais* (pp.25-32). Porto Alegre: Artmed.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A. & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. [Versão Eletrônica]. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 02(04), 01- 13.
- Duailibi, S. M. (2013). Efeitos do uso agudo e crônico e sintomas de abstinência. In N. A. Zanelatto & R. Laranjeira (Org.), *O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais* (pp.53-72). Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, A. L. & Bortolon, C. B. (2016). As percepções de um usuário de substâncias psicoativas em abstinência sobre os motivos de recaída: um estudo de caso. *Aletheia*, 49, 89-100.
- Ferro, L., & Meneses-Gaya, C. (2015). Resiliência como fator protetor no consumo de drogas entre universitários. *Saúde e Pesquisa*, 8, 139-149.
- Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. (3a.ed.; A. M. Castro, Trad.). São Paulo: Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946)
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. (2ª ed.; (J. Mitre, Trad.). Campinas: Papirus.
- Frankl, V. E. (1991). *A psicoterapia na prática* (C. M. Caon, Trad.). Campinas, SP: Papirus. (Trabalho original publicado em 1976)
- Frankl, V. E. (2000). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. (8ª ed.; V. H. Lapenta, Trad.). São Paulo: Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1978)
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. (4ª ed.; I. S. Pereira, trad.). São Paulo: Editora Paulus. (Trabalho original publicado em 1969)

- Frankl, V. E. (2013). *Em busca de sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. (34ª ed.; C. C. Aveline, Trad.). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1946).
- Frankl, V. E. (2017). *Logoterapia e análise existencial: Textos de seis décadas*. (M. A. Casanova, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1946).
- Fonseca, V. A. S. & Lemos, T. (2011). Farmacologia na dependência química. In A. Diehl, D. C. Cordeiro, R. Laranjeira (Org.), *Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas* (pp.25-34). Porto Alegre: Artmed.
- Gibbs, C. C. M. (2015). Trabalho, questão social e população em situação de rua. Trabalho apresentado no *Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social*, Florianópolis, Santa Catarina.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ª ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Guedes, K. C., & Gaudêncio, E. O. (2012). Trabalho e Logoterapia: análise existencial da situação de desemprego. *Revista Logos & Existência*, 1(1), 26-37.
- Kroeff, P. (2014). *Logoterapia e Existência: A importância do Sentido da Vida*. Porto Alegre, RS: Evangraf.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Leal, G. F.(2011). *Exclusão social e ruptura dos laços sociais: análise crítica do debate contemporânea*. Florianópolis: Editora da UFSC
- Lukas, E. (2005). *Histórias que curam...porque dão sentido à vida* (C. A. Pereira, Trad.). São Paulo: Versus Editora. (Trabalho original publicado em 2002).
- Macedo, J. Q. , Aygnes, D. C., Barbosa, S. P. & Luis, M. V. (2014). Concepções e vivências de estudantes quanto ao envolvimento com substâncias psicoativas em uma escola pública de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Ciencia y Enfermería*, 20(3), 95-107.
- Machado, C. J., Oliveira, E. A., Metz, J. R., Schwiderski, A. C. & Machado, P. G. B. (2016). Correlação entre situação de rua e uso de drogas: fatores presentes. Trabalho apresentado no *III Congresso Internacional de Saúde Mental*, Irati, Paraná.
- Matos, A. C. N. (2018). População em situação de rua: a drogadição como escape para fuga de realidade [Versão Eletrônica]. *Psicologia: O portal dos psicólogos*.
- Meireles, M. V. C. (2018). Antropologia religiosa de Viktor Frankl?: À guisa da perspectiva religiosa do fundador da Logoterapia. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*, 21(2), 94-108

- Melo, J. R. F. & Maciel, S. C. (2016). Representação Social do Usuário de Drogas na Perspectiva de Dependentes Químicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 76-87.
- Mendes, C. R. P. & Horr, J. F. (2014). Vivência nas ruas, dependência de drogas e projeto de vida: um relato de experiência no CAPS-ad. *Revista Psicologia e Saúde*, 6(1), 90-97.
- Ministério da Justiça e Cidadania. (2017). *Efeitos de substâncias psicoativas*. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Cidadania.
- Ministério da Saúde. (2014). *Saúde da população em situação de rua: um direito humano*. (11ª ed.). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). *Política nacional para inclusão social da população em situação de rua*. Brasília., DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Motta, L. (2018). *Há vida depois das marquises*. Rio de Janeiro: Autografia
- Nunes, D. C., Santos, L. M. B., Fischer, M. F. B., & Güntzel, P. (2010). "...outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas...". In L. M. B. Santos (Org.), *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas* (pp. 15-26). Porto Alegre, RS: Ideograf
- Organização das Nações Unidas. (2016). *Relatório da Relatora Especial sobre moradia adequada como componente do direito a um padrão de vida adequado e sobre o direito a não discriminação neste contexto*. Conselho dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas.
- Ortiz, E. M. (2009). *Prevención de Recaídas: Un libro de herramientas para personas en recuperación*. Bogotá: Aquí y ahora.
- Penedo, J., Campos, L. A. M. & Davico, C. V. (2018). A dimensão noética na política: contribuições da logoterapia para o resgate da dignidade na arte de governar. *Synesis*, 10(2), 86-106.
- Pereira, I. S. & Pinheiro, G. H. A. (2018). O exercício da magistratura: breves aspectos logoterápicos. *Themis: Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará*, 16(1), 115-136
- Ramos, A. P. M. & Rocha, F. N. (2018). Busca por Felicidade e Sentido de Vida na Sociedade de Consumo no Olhar da Logoterapia. *Revista Mosaico*, 9(1), 10-18
- Richter, A. (2019). Justiça determina inclusão de moradores de rua no censo de 2020 [Versão Eletrônica]. *Agência Brasil*.

- Santos, M. P., Rocha, M. R. & Araújo, R. B. (2014). O uso da técnica cognitiva substituição por imagem positiva no manejo do craving em dependentes de crack. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 63(2), 121-126.
- Santos, D. M. B. (2016). Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 68(2), 128-142
- Schimith, P. B., Murta, G. A. V. & Queiroz, S. S. (2019). A abordagem dos termos dependência química, toxicomania e drogadição no campo da psicologia brasileira. [Versão Eletrônica]. *Psicologia USP*, 30(1), 1-9. DOI: e180085
- Schlindwein-Zanini, R., Almeida, G. M. F., Helegda, L. C. & Fernandes, K. C. (2014). Wernicke: Korsakoff syndrome, substance use and abuse: neuropsychological and psychomotor effects. *Fiep Bulletin*, 84(1), 369 -372.
- Scisleski, C. C. & Galeano, G. B. (2018). Pesquisa-intervenção e juventudes: enredando a produção de vidas marginais. *Revista de Psicologia*, 9(1), 18-29.
- Sicari, A. A. & Zanella, A. Z. (2018). Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 662-679. DOI: 10.1590/1982-3703003292017.
- Silva, C. R., Gobbi, B. C. & Simão, A. A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. [Versão Eletrônica]. *Revista Lavras*, 07(01), 70-81.
- Silva, M. L. L. (2009). *Trabalho e população de rua no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez.
- Silva, D., Moll, M. F. & Ventura, C. A. A. (2018). O Tratamento da Dependência Química e os Direitos Humanos. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics* 7(2), 113-122. DOI: 10.17063/bjfs7(2)y2018113
- Snow, D. & Anderson, L. (1998). *Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua*. Petrópolis: Vozes.
- Targino, R. & Hayasida, N. (2018). Risco e proteção no uso de drogas: revisão da literatura. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 19(3), 724-742. DOI: 10.15309/18psd190320
- Tiengo, V. M. (2018). O Fenômeno População em Situação de Rua Enquanto Fruto do Capitalismo. *Textos & Contextos*, 17(1), 138-150.
- Xausa, I. A. M. (1988). *A Psicologia do Sentido da Vida*. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Walliman, N. (2015). *Métodos de Pesquisa* (A. S. Marques, Trad.). São Paulo: Editora Saraiva.
- Zeferino, M., Hamilton, H., Brands, B., Wright, M., Cumsille, F., & Khenti, A. (2015). Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e

entretenimento moderando a influência dos pares. *Texto Contexto Enfermagem*, 24, 125-35. DOI: 10.1590/0104-07072015001150014.